

CHRISTIANE AUGUSTO GOMES DA SILVA

**A CONDICIONALIDADE E O INTERTEXTO COMO
INSTRUMENTOS DE PERSUAÇÃO EM HORÓSCOPOS:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**MESTRADO EM
LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SÃO PAULO
2007**

CHRISTIANE AUGUSTO GOMES DA SILVA

**A CONDICIONALIDADE E O INTERTEXTO COMO
INSTRUMENTOS DE PERSUAÇÃO EM HORÓSCOPOS:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**MESTRADO EM
LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sumiko Nishitani Ikeda.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2007

BANCA EXAMINADORA

Para meu avô...

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Sumiko Nishitani Ikeda, que me orientou na pesquisa lingüística e soube apreciar todo o esforço empregado durante o Mestrado, tomando também para si a responsabilidade pela realização de um bom trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Marisa Grigoletto e à Prof^a. Dr^a. Ângela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa, por aceitarem participar de minha Banca de Qualificação e pela atenção dispensada ao meu trabalho, bem como pelos questionamentos e sugestões, valiosos para esta pesquisa por proporcionarem, além de novos ângulos e possibilidades, mais consistência e clareza, inclusive em relação a seus objetivos e abrangência tanto na área de Análise Crítica do Discurso, quanto nas de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas e de Gêneros Textuais.

Aos meus mestres do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, da PUC-SP, que, mesmo oriundos de correntes diversas do estudo da língua, sempre enfatizaram sua importância no cotidiano do ser humano.

A todos os colegas e mestres que durante este processo foram bastante generosos e fizeram valiosos comentários durante aulas, seminários e congressos, corroborando para o encerramento dessa importante fase.

À Associação Alumni, pelo suporte durante todo o processo.

Aos meus pais e a toda a minha família, pelo apoio, colaboração, paciência e respeito por esse projeto, principalmente ao meu irmão.

Para finalizar, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a estudar a linguagem persuasiva dos horóscopos, coletados *online*, dos seguintes jornais dos Estados Unidos: *Los Angeles Times*, *New York Daily News*, *Chicago Tribune* and *San Francisco Chronicle* (USA). Foram compilados 2544 horóscopos, durante 53 dias e foram encontradas 943 construções condicionais. Latour e Woolgar (1979) afirmam que o objetivo da persuasão retórica é convencer os participantes de que não foram convencidos e Halliday (1985) aponta que a persuasão tende a ser altamente implícita e a evitar a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal. O horóscopo é um gênero, e, assim, de acordo com a definição de Martin (1984), divide-se em estágios, cada um com sua finalidade específica. Dos horóscopos examinados, 37,06% apresentam a construção condicional, com conectivo explícito, isto é, com 'se' (30,75% dos casos) ou implícito (69,25% dos casos). A prótase ocorre, na maioria dos casos (71,15%), anteposta à apódose, funcionando, portanto, como tema, ou seja, determinando o conteúdo do rema. Por outro lado, a linguagem do horóscopo conta com a modalidade do metadiscurso, através de marcadores pessoais, *hedges* e enfatizadores. Além disso, um dos estágios reflete na maioria dos casos uma verdade, uma crença arraigada na cultura popular, que ajuda a fazer o leitor recuperar um intertexto, evidentemente, pretendido pelo autor do texto. A isso, junta-se a noção de enquadres (Bednarek, 2005), responsável pela coerência do texto, que é, segundo ela, atribuída por parte dos leitores e ouvintes, focalizando a relação entre texto, contexto, conhecimento de mundo e coerência. Assim, ao ler um horóscopo, o leitor interage com o texto e dá a ele o significado mais coerente de acordo com seu conhecimento de mundo. Esses fatores concorrem para que, assim condicionados, os leitores não questionem as previsões do astrólogo e ajam guiados pela força do gênero, e para que o escritor possa esquivar-se da responsabilidade por eventuais falhas que seus prognósticos apresentem, fazendo do horóscopo, portanto, um gênero altamente persuasivo. A esse tipo de persuasão denomina-se implícita, pois ocorre graças a escolhas léxico-gramaticais, que, combinadas a contextos específicos, tornam o texto persuasivo. Nesse sentido, quanto à léxico-gramática, focamos a escolha de estruturas que expressam condicionalidade, enfatizando o conceito de inferências convidadas de Géis (1971) e abordando a relação entre a construção condicional e o Tema e a expressão da condicional. Também há referência à análise crítica do discurso, com Fairclough (1992) e Fowler (1991) referindo-se ao funcionamento social da língua e ao modelo funcional desenvolvido por Halliday (1985; 1994) e seus pesquisadores para o exame da conexão entre estrutura lingüística e valores sociais. As pessoas voltam-se à astrologia por meio dos horóscopos com as finalidades de entretenimento e aconselhamento, já que, segundo Spengler (1969), a fé religiosa é substituída por outras crenças à medida que o homem se dá conta de que a vida não tem sentido após a morte. A metodologia adotada para a análise dos dados tem cunho interpretativista, com base em dados quantitativos.

Palavras-chave: persuasão, intertexto, condicionalidade, lingüística sistêmico-funcional, horóscopo, gênero textual, função interpessoal.

ABSTRACT

This paper aims at studying the persuasive language of horoscopes from online versions of the following American newspapers: Los Angeles Times, New York Daily News, Chicago Tribune and San Francisco Chronicle. 2544 horoscopes have been selected during 53 days, and 943 conditional structures have been found. Latour and Woolgar (1979) state that the objective of rhetoric persuasion is to convince the participants that they haven't been convinced, and Halliday (1985) points out that persuasion tends to be highly implicit and to avoid attitudinal language, which is usually associated with interpersonal meaning. The horoscope is a text genre, thus, according to Martin (1984), it can be separated in stages, each of those with its specific function. 37,06% of the analyzed horoscopes present some kind of conditional structure, with the explicit connector, 'if' (30,75%), or implicit ones (69,25%). Protasis occurs, mostly (71,15%), preposed to the apodosis, functioning as sentence Themes, and, therefore, restricting the content of the Rhemes. The language of horoscopes also presents elements of metadiscursive modality, such as person markers, hedges and emphatics. Besides, one of the stages consists of a kind of truth, a belief that has its roots in popular culture and that helps the reader rescue a specific intertext that the horoscope writer previously had in mind. In addition, there is the theory of frames (Bednarek, 2005), responsible for text coherence – which is attributed, in this case, by the text readers -, that focuses on the relation among text, context, world knowledge, and coherence. Thus, by reading a horoscope, the reader interacts with the text, giving it the most coherent meaning according to their own world knowledge. These factors prepare the readers for the reading and, therefore, they do not question what has been predicted by the author and, at the same time, they act impelled by the power of this genre. The same factors also prevent the horoscope writers from making mistakes regarding their predictions. All that makes horoscopes a highly persuasive text genre. This kind of persuasion is implicit, for it makes use of a combination of specific lexicogrammatical choices and specific contexts. Regarding the lexico-grammar, this paper focuses on structures that convey conditional meanings, emphasizing Géis's (1971) concept of invited inferences and the relation between conditional structures and Theme, and conditional meaning. It also refers to Critical Discourse Analysis (Fairclough, 1992; Fowler, 1991), concerning the social function of language, and to Halliday's (1985; 1994) functional model, for the connection between language structures and social values. People are interested in horoscopes because they seem to work as a source for advice and entertainment as, according to Spengler (1969), religious faith has been replaced by other beliefs. The methodology adopted is interpretative, based on quantitative data.

Key-words: persuasion, intertext, conditional structures, systemic-functional linguistics, horoscope, text genre, interpersonal function.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

A astrologia 7

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 13

1.1. A análise crítica do discurso 13

1.2. A lingüística sistêmico-funcional 14

1.2.1. As metafunções 16

1.2.1.1. A metafunção interpessoal 17

1.2.1.1.1. O metadiscurso 18

1.2.1.2. A metafunção textual 21

1.3. A intertextualidade 22

1.4. O gênero 24

1.4.1. O gênero e a coerência 25

1.5. A construção de mundo textual 28

1.6. A avaliação implícita 29

1.7. A condição 32

1.7.1. Inferências convidadas 33

1.7.1.1. Condição perfectiva (CP – *perfected conditional*) 33

1.7.1.2. Extensão da CP 35

1.7.1.3. Implicatura 36

1.7.2. A construção condicional e o Tema 36

1.7.3. A expressão da condição 40

2. METODOLOGIA 43

2.1. Dados 43

2.2. Procedimentos de análise 43

3. ANÁLISE 47

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	66
4.1. Discussão dos resultados	69
4.1.1. Significativa ocorrência de estruturas condicionais	69
4.1.1.1. Prótase e apódose	70
4.1.1.2. Significativa ocorrência de estruturas condicionais sem 'se'	71
4.1.2. Intertextualidade	72

CONSIDERAÇÕES FINAIS

74

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

77

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 - Prótases antepostas e pospostas	66
Figura 2 - Condicionais com e sem o conectivo 'se'	67
Figura 3 – Prótases antepostas com e sem 'se'	67
Figura 4 – Prótases pospostas com e sem 'se'	68
Figura 5 – Prótases com e sem 'se' nas CCs	69

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1 – N°. de horóscopos e ocorrência de condição	66
Tabela 2 - Prótases antepostas e pospostas	66
Tabela 3 - Condicionais com e sem o conectivo 'se'	67
Tabela 4 - Prótases com e sem 'se' nas CCs	68

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1 - Tema e Rema	22
Quadro 2 - Prótase e apódose	32
Quadro 3 - Exemplo de divisão em estágios	44
Quadro 4 - Exemplo de análise de interpessoalidade	45
Quadro 5 - Exemplo de análise de intertexto	46
Quadro 6 - A estrutura genérica – horóscopo (1)	47
Quadro 7 - A estrutura genérica – horóscopo (2)	47
Quadro 8 - A estrutura genérica – horóscopo (3)	48
Quadro 9 - A estrutura genérica – horóscopo (4)	48

Quadro 10 - A estrutura genérica – horóscopo (5)	49
Quadro 11 - A estrutura genérica – horóscopo (6)	50
Quadro 12 - A estrutura genérica – horóscopo (7)	50
Quadro 13 - A estrutura genérica – horóscopo (8)	51
Quadro 14 - A estrutura genérica – horóscopo (9)	51
Quadro 15 - A estrutura genérica – horóscopo (10)	52
Quadro 16 - A estrutura genérica – horóscopo (11)	52
Quadro 17 - A função interpessoal – horóscopo (1)	53
Quadro 18 - A função interpessoal – horóscopo (2)	54
Quadro 19 - A função interpessoal – horóscopo (3)	54
Quadro 20 - A função interpessoal – horóscopo (4)	55
Quadro 21 - A função interpessoal – horóscopo (5)	55
Quadro 22 - A função interpessoal – horóscopo (6)	56
Quadro 23 - A função interpessoal – horóscopo (7)	57
Quadro 24 - A função interpessoal – horóscopo (8)	57
Quadro 25 - A função interpessoal – horóscopo (9)	58
Quadro 26 - A função interpessoal – horóscopo (10)	58
Quadro 27 - A função interpessoal – horóscopo (11)	59
Quadro 28 - O intertexto – horóscopo (3)	60
Quadro 29 - O intertexto – horóscopo (5)	61
Quadro 30 - O intertexto – horóscopo (9)	61
Quadro 31 - O intertexto – horóscopo (12)	62
Quadro 32 - O intertexto – horóscopo (13)	62
Quadro 33 - O intertexto – horóscopo (14)	63
Quadro 34 - O intertexto – horóscopo (15)	63
Quadro 35 - O intertexto – horóscopo (16)	64
Quadro 36 - O intertexto – horóscopo (17)	64
Quadro 37 - O intertexto – horóscopo (18)	65
Quadro 38 - O intertexto – horóscopo (19)	65

A CONDICIONALIDADE E O INTERTEXTO COMO INSTRUMENTOS DE PERSUASÃO EM HORÓSCOPOS: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

INTRODUÇÃO

A persuasão, em especial a implícita, permeia o texto e nem sempre é realizada por adjetivos e advérbios claramente persuasivos, mas graças também a determinadas escolhas léxico-gramaticais, não consideradas interpessoais na tradição, mas que, combinadas a contextos específicos, tornam-no altamente persuasivo.

Nesse sentido, Latour e Woolgar (1979: 240, apud Downing, 2003) afirmam que “o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos”. Segue-se que a persuasão tende a ser altamente implícita e evitar a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal, dependendo em grande parte, por exemplo, do sistema de valores partilhados (Halliday, 1985). Martin (2003: 173) alerta, então, para o fato de que “o apego a categorias explícitas significa perder-se uma grande porção do significado atitudinal implicada pelos textos”.

Esse tipo de persuasão, que acontece cumulativamente conforme o texto se desenrola pode ser extremamente eficaz em certos contextos. Um fenômeno que atíça a curiosidade, e que parece estar intimamente ligado à persuasão implícita, é o do horóscopo. Horóscopo (do grego *horoskopos*, pelo latim *horoscopum*) é, segundo o Grande Dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa, “o prognóstico sobre a vida de uma pessoa, que os astrólogos pretendem tirar da situação, ou posição no céu, de certos astros no mês e na hora do nascimento dessa pessoa”.

Ora, como tal posição é variável e, portanto, difícil de ser estabelecida com certeza, segundo os astrônomos, é de se crer que nada se poderia prognosticar a respeito da vida de uma pessoa com base na posição de astros no firmamento. Portanto, não seria preciso muito raciocínio para descartar esse tipo de crença. Mas, como diz o ditado popular, há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar a vã

filosofia humana.

E para entender essas 'coisas', um caminho é seguir Libânio (2004:7) na sua definição do ser humano como um "ser-fé", que busca um Ser maior do que ele através da história da cultura, e cita Pascal, para quem o homem é mais do que ele mesmo. Por seu lado, Spengler (1969), falando em nome da filosofia, esclarece que a fé religiosa é substituída por outras crenças à medida que o homem se dá conta de que a vida não tem sentido após a morte. Talvez por isso, Jung (1998: 70), psicólogo, ressalta que "em nenhuma época antiga [...] a astrologia esteve tão difundida e tão apreciada como nos tempos atuais".

Assim, Barbault (1993: 176), astrólogo, traça uma breve psicanálise da história da astrologia, relatando a transição de uma astrologia antiga à atual e, embora confirme o alijamento da astrologia dos meios oficiais, aponta que o horóscopo nada mais é do que o algoritmo da relação de harmonia entre o indivíduo e o mundo confrontados num dado momento e lugar.

Para Arroyo (1975), sempre foi necessário que as pessoas tivessem um modelo de ordem e de crescimento para guiar suas vidas coletivas e para dar significado à sua experiência individual. Na visão de Jung (2000: 19), isso constitui a necessidade religiosa do homem ocidental para quem a visão cristã do mundo esmaeceu.

Nesse contexto, é compreensível que o que sentimos sobre o que acontece depende muito da nossa posição de leitura (Martin, 2003: 172). Assim, segundo Macken-Horarik (2003: 287), os textos podem ser entendidos como naturalizações de posições de leitura para um leitor 'ideal', e se pudermos acessar essa posição através de etnografia apropriada, então estaremos em posição mais forte para conseguir acordo sobre avaliações implícitas – lendo de uma posição naturalizada desse ideal. Por outro lado, continua a autora, a avaliação, que em última instância tem a função de levar à persuasão, é realizada prosodicamente, de tal forma que as realizações diretas tendem a colorir o discurso e assim fornecer alguma confirmação das avaliações implícitas.

Ligada a essas considerações, Macken-Horarik, mencionando o trabalho de Bakhtin,

que conscientizou os lingüistas para o caráter profundamente 'endereçador' dos textos tratados como monológicos, fala em textos que ensinam implicitamente, em especial itens de conteúdo de certos valores éticos, que assim engajam os leitores no processo da leitura (286).

O trabalho, como uma resposta em diálogo, orienta-se em direção à resposta do outro (outros), em direção à sua compreensão responsiva ativa, que pode tomar diversas formas: influência educacional dos leitores, persuasão de tema, respostas críticas, influência em seguidores e sucessores, etc ([Bakhtin 1953 f [1986]: 76).

Bakhtin destaca a omissão relativa das funções comunicativas da linguagem pelos ramos principais da lingüística e mais especificamente a omissão do fato de os textos e os enunciados serem moldados por textos anteriores aos quais eles estão 'respondendo' e por textos subseqüentes que eles 'antecipam'.

Essa função fundamentalmente dialógica do texto foi introduzida por Bakhtin juntamente com a noção de heteroglossia: que tudo que diferencia as vozes sociais (classes, gêneros, movimentos, épocas, pontos de vista) de uma comunidade forma um sistema intertextual no qual cada um deles é necessariamente ouvido. Bakhtin mostrou que as relações que os textos constroem juntamente com essas vozes são tanto ideacionais (representativamente semânticas) quanto axiológicas (orientadas aos valores) (Lemke 1989: 39).

O termo 'intertextualidade', calcado na heteroglossia, trata da reatualização, no enunciado, dos enunciados de outros, e foi cunhado por Kristeva (1969), no final dos anos 1960, no contexto de suas influentes apresentações para audiências ocidentais do trabalho de Bakhtin (1997). O termo, portanto, não é de Bakhtin, mas o desenvolvimento de uma abordagem intertextual (ou em seus próprios termos, 'translingüística') para a análise de textos era o maior tema de seu trabalho ao longo de sua carreira acadêmica e estava estreitamente ligado a outras questões importantes, incluindo sua teoria do gênero.

Dito isso, o fato é que, como se pode verificar facilmente, a crença nos astros tem sempre seus adeptos, provavelmente porque existe um contexto favorável e porque os horóscopos convencem. A maioria das pessoas – mesmo as que declaram “não acreditar nessas coisas” - conhece o seu signo do zodíaco, e muitos também consultam o horóscopo, em especial quando enfrentam situações nebulosas. Talvez

esses fatos expliquem o porquê de os horóscopos fazerem parte de diferentes meios de comunicação, como jornais, revistas e a Internet, o que sugere que haja uma expectativa do público leitor em relação a esse assunto. Assim, por exemplo, importantes jornais dos EUA dispõem da sessão de horóscopo: *Los Angeles Times*, *New York Daily News*, *Chicago Tribune* e *San Francisco Chronicle*. O mesmo acontece no Brasil, onde jornais e revistas trazem cotidianamente os prognósticos do horóscopo.

É fácil perceber que os horóscopos diários, veiculados pelos meios de comunicação de massa, não são completos, mas apenas aspectos que podem ser generalizados para um grande número de pessoas que têm em comum o mesmo signo do zodíaco.

Mas, mesmo que os horóscopos diários disponibilizados pela mídia mundial não sejam específicos para cada indivíduo, eles parecem cumprir, ainda que superficialmente, a função que deles se espera, visto que têm seus leitores.

Surge aqui um problema. Notemos que os horóscopos fazem previsões sobre fatos do porvir, e, notemos que, por isso mesmo, o astrólogo não pode dizer nada sem o risco de errar. Então, cabe a pergunta: como são feitas as previsões a respeito da vida das pessoas, sem o risco de falhar nos prognósticos, já que seus autores, por um lado, precisam expor-se a esse risco e, por outro, precisam de alguma forma evitar errar em seus prognósticos?

Durante a coleta dos horóscopos nos jornais de língua inglesa, acima citados, percebemos dois fatos lingüísticos que podem estar relacionados à questão da persuasão: a influência do intertexto e a função da construção condicional, abundante nos horóscopos.

Faz-se necessário esclarecer que a seleção de corpus em língua inglesa deve-se ao fato de o ensino de inglês ter sido o grande motivador dessa pesquisa e, portanto, pretende-se também que ela seja um instrumento para que professores e estudantes de inglês atentem para as funções e não somente para as estruturas da língua.

Durante a pesquisa de trabalhos feitos na área, constatei que não há ainda trabalhos relacionando a persuasão em textos de horóscopos à construção condicional. Encontrei, entretanto, trabalhos interessantes como o de Auwera (1997), sobre a condição perfectiva; o de Fonseca (2004), sobre as comparativas condicionais independentes no português europeu; o de Thompson e Longacre (1985), contendo uma distinção básica entre tipos de condicionais que é feita pela maioria das línguas, os reais e os irrealis; o de Decat (1995), que aponta a significativa ocorrência de cláusulas com inferência de condição no gênero dissertativo; o de Sweetser (1990), mostrando a existência de condicionais em três domínios: as de conteúdo, as epistêmicas e de ato de fala e as metalingüísticas, também chamando a atenção para a ocorrência da contrafactualidade; o de Lechler (2004), que conclui que não se pode fazer uma distinção clara entre raciocínio e interpretação na interpretação das condicionais; o de Neves e Braga (1998), que estuda as construções hipotáticas condicionais, entre outros. Então, com base nesse panorama, o trabalho procura estabelecer tal conexão.

Portanto, esta dissertação espera responder a duas perguntas:

- (a) Qual é a estrutura genérica do horóscopo para não só convencer o leitor, mas também proteger seu autor de possíveis falhas em seus prognósticos?
- (b) Que outros recursos contribuem para o horóscopo cumprir as funções citadas em (a)?

Para tanto, consideramos o horóscopo como constituindo um tipo específico de gênero discursivo, com seus estágios e finalidades, de acordo com Martin (1984), mas com uma abordagem mais recente que o considera um tipo de enquadre (*frame*) que condiciona, já que proporciona coerência ao texto, a sua compreensão através de determinado viés (Bednarek, 2005).

A pesquisa recorrerá também a estudos na área da análise crítica do discurso, examinando as propostas de Fowler (1991), que trata da importância da língua, de como ela refrata a percepção da realidade e o papel da intertextualidade na interpretação do corpus estudado. Para tanto, assim como o faz Fowler, a análise

apóia-se basicamente na Lingüística Sistemico-Funcional, de Halliday (1994) e seus seguidores, enfocando em especial as metafunções interpessoal e textual.

As categorias de análise são a construção condicional e o intertexto, que conjugados formam uma argumentação de tipo retórico. A argumentação retórica, segundo Wästerfors e Holsanova (2005), embora se assemelhe à dedução, usa silogismos incompletos ou resumidos, os 'entimemas'. Aqui, uma das premissas é omitida para efeito de persuasão e brevidade, o que significa que um entimema é uma conclusão amparada numa única premissa ou justificativa. Assim, a lógica na retórica está escondida ou suposta e não expressa, e sua meta não é uma verdade indisputável, mas probabilidades (cf. Grimaldi, 1972: 97, apud Wästerfors e Holsanova, 2005). No caso dos horóscopos, há uma premissa suposta, através da inferência convidada, como veremos oportunamente.

Esses fatores contribuem para a formatação do 'leitor ideal', a que se refere Macken-Horarik, e ajudam a compreender a realização da persuasão implícita dos textos do horóscopo.

A relevância da minha investigação deve-se, principalmente, ao fato de que o horóscopo afeta as relações humanas, já que são lidos por uma parcela significativa da população, que ao buscar algum tipo de solução para seus problemas, sofre a persuasão exercida por esse gênero. A pesquisa tenta mostrar para o leitor que a língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação, e como conseqüência, a visão do mundo resultante será necessariamente parcial, que os fatos, quando expressos pela língua, sofrem uma refração, que o discurso não é natural (Fowler, 1991: 67).

Esta dissertação organiza-se da seguinte maneira:

Ainda na Introdução será feito um apanhado geral sobre a Astrologia, buscando relacionar os horóscopos atuais a algum tipo de necessidade que os leitores possam ter, já que, como anteriormente mencionado, os horóscopos são veiculados porque há público para eles. Serão apontadas a necessidade de crença por parte do público leitor, possíveis razões para a popularidade dos horóscopos e seu lugar no

mundo ocidental.

No capítulo seguinte, a Fundamentação Teórica, serão apresentadas as áreas nas quais se apoiou a análise dos horóscopos bem como seus autores de maior relevância para o trabalho. Tendo como fundamento básico a lingüística sistêmico-funcional, da qual se origina a análise crítica do discurso, incluímos as noções de intertextualidade e construção de mundo textual na análise dos horóscopos. Por outro lado, a questão do gênero, como um enquadre psicológico que direciona o leitor, além das construções condicionais, foram importantes para a caracterização da persuasão implícita.

A seguir, na Metodologia, serão apontados o tipo de pesquisa adotado para a realização do trabalho, o processo de coleta de dados, os procedimentos de análise, e a caracterização das categorias de análise.

Posteriormente, no capítulo de Análise e Discussão dos Resultados, os horóscopos serão examinados em sua estrutura genérica, para verificar que estágios genéricos preponderam nesse discurso, que finalidades eles têm, e quais as escolhas léxico-gramaticais para efetivar a persuasão com risco mínimo de erro nos prognósticos do autor.

Nas Considerações Finais, apresentamos um resumo dos achados, em que a construção condicional tem um papel preponderante no gênero horóscopo, seja como meio de cautela por parte do seu autor, seja para envolver o leitor. Finalizamos com as Referências Bibliográficas.

A astrologia

Antes de iniciarmos a fundamentação teórica desta pesquisa, e para entendermos o contexto em que se situa o horóscopo, vamos examinar como a astrologia é considerada pela comunidade que respeita o seu estudo. Não pretendemos aqui estabelecer uma relação de equivalência entre religiões e a astrologia, mas mostrar que há algo inerente ao ser humano que o motiva a buscar respostas em religiões e

crenças, o que, provavelmente, também justifica seu interesse pelos horóscopos, já que, segundo Libânio (2004: 52), “a fé antropológica é uma necessidade para o existir humano”.

Dos estudos mais antigos de astronomia - que datam de 3000 a.C. e visavam tanto a objetivos práticos quanto a previsões sobre a vida -, origina-se a astrologia. As especulações sobre a natureza do Universo devem remontar aos tempos pré-históricos e, por tal razão, a astronomia é freqüentemente considerada a mais antiga das ciências¹. O céu vem sendo usado como mapa, calendário e relógio desde a Antigüidade, sendo que os mais antigos registros astronômicos, feitos pelos chineses, babilônios, assírios e egípcios, datam de aproximadamente 3000 a.C., época em que o estudo dos astros tinha objetivos práticos, como medir a passagem do tempo, ou fazer calendários, para prever a melhor época para o plantio e a colheita, ou objetivos relacionados à astrologia, como fazer previsões do futuro, pois, por não terem conhecimento das leis da física, os antigos acreditavam que os deuses do céu tinham o poder da colheita, da chuva e mesmo da vida.

Libânio ainda afirma que o homem é estruturalmente voltado para o mistério e para a Transcendência. Após traçar um breve perfil dos momentos de fé da humanidade, esclarece que “um terrível cansaço perpassa a modernidade pós-cristã, que corroe idéias e valores tradicionais” (8) e aponta que “há busca de realidades místicas que venham responder à solidão da racionalidade instrumental, ao cálculo frio da sociedade materialista e consumista” (9) da atualidade. Assim, pode-se dizer que a busca por algo em que acreditar faz parte da essência humana: “A fé é uma experiência humana fundamental que se faz entre as pessoas e que se prolonga para coisas, mistérios e religiões. Crer é a condição de existir num convívio humano” (12). De acordo com ele: “Enquanto a fé antropológica é uma necessidade para o existir humano, a fé no divino parece responder ao desejo de mistério inerente ao ser humano” (52)

Confirmando essa afirmação, em sua psicanálise da história da astrologia, Barbault mostra que associado à “propriedade mestra ou o privilégio essencial da ótica

¹ <http://astro.if.ufrgs.br/antiga/antiga.htm>

astrológica” está o fato de que “o mapa do céu de nascimento é o documento-testemunha praticamente tão *individualizado* quanto a carteira de identidade: cada indivíduo tem um “tema” que lhe é próprio e que difere das figuras celestes dos outros”. Ele segue dizendo que esse horóscopo é o hieróglifo das relações, o qual liga um lugar dado, em um momento dado, com os elementos do sistema solar”.

Segundo Barbault, os diagnósticos e prognósticos astrológicos contribuem para o conhecimento da pessoa: “trata-se, para o intérprete, de traduzir a significação das forças profundas do ser e estabelecer um quadro de seu mundo interior, a fim de ajudá-lo a encontrar o caminho de seu desenvolvimento. Tal análise permite dar a cada um uma consciência mais aguda de si mesmo, de suas possibilidades e de seus limites” (206).

Já Stephen Arroyo (1975) refere-se à astrologia como uma mitologia que pode ser usada conscientemente: “pode ser usada como um recurso para reunir o homem ao seu interior, à natureza e ao processo evolutivo do universo” (45). Além disso, corrobora com os dizeres de Barbault ao reforçar a necessidade da linguagem astrológica para a descrição da experiência e singularidade do ser humano, útil e compreensivelmente, e também como fonte de fórmulas e combinações incomparáveis, de qualidades arquetípicas, tornando-a um instrumento psicológico ideal. Para ele, a mitologia dá ênfase às manifestações culturais dos arquétipos; a astrologia utiliza os princípios arquetípicos essenciais como sua linguagem, para compreender as forças e as configurações fundamentais presentes tanto na vida individual quanto na cultural e, portanto, “... a astrologia pode ser vista como a estrutura mitológica mais compreensível que já surgiu na cultura humana” (44). Sobre os arquétipos, Jung (2000: 53) os define como “a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”, e aponta que o inconsciente coletivo é o conteúdo constituído de arquétipos.

Arroyo continua relacionando o renascimento atual da astrologia ao fato de a cultura ocidental já não ter qualquer mitologia viável para energizá-la, para colocá-la em contato com uma realidade maior. Para ele, sempre foi necessário que as pessoas tivessem um modelo de ordem e de crescimento para guiar suas vidas coletivas e

para dar significado à sua experiência individual. Na visão de Jung (2000), isso constitui a necessidade religiosa do homem ocidental para quem a visão cristã do mundo esmaeceu.

É, então, nesse contexto, que Jung afirma que “em nenhuma época antiga [...] a astrologia esteve tão difundida e tão apreciada como nos tempos atuais”. Para Jung:

A fé não exclui a razão na qual reside a maior força do ser humano. Nossa fé teme a ciência e também a psicologia, e desvia o olhar da realidade fundamental do numinoso² que sempre guia o destino dos homens. (1997: 254)

Com a evolução da consciência do homem e conseqüente evolução de seus mitos, segundo Stephen Arroyo, muda também o modo como o homem se relaciona com suas religiões e deuses e também com a astrologia, já que ainda existe a necessidade que o homem tem dela, a despeito de todas as tentativas para racionalizá-la fora da existência. Para ele, a astrologia pode ser vista como uma mitologia que pode ser usada conscientemente, visto que o ocidental contemporâneo evoluiu a ponto de não se contentar em viver inconscientemente, de acordo com mitos obsoletos, dogmas rígidos ou tradições arcaicas. Entretanto, diz que, simultaneamente, esse homem perdeu o contato com as bases arquetípicas do seu ser, as quais são fonte de alimentação e sustentação espiritual, e sugere, portanto, o uso da astrologia como um recurso para reunir o homem ao seu eu interior, à natureza e ao processo evolutivo do universo.

Ainda no âmbito da necessidade religiosa, o filósofo e historiador Oswald Spengler (1969) esclarece que a fé religiosa é substituída por outras crenças à medida que o homem se dá conta de que a vida não tem sentido após a morte. Ele afirma que a vida de hoje está na ciência e que a evolução humana é concebida como resultado de forças e estímulos de fora, e não do desejo e vontade interiores, ao mesmo tempo em que define ciência como “o que o homem é; o homem a cria à sua imagem, do mesmo modo que criou Deus” (94). Para ele, tal fato é um símbolo de decadência, de fraqueza na vontade da raça humana e do indivíduo, enquanto os

² Segundo o Dicionário Crítico de Análise Jungiana (<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/numinoso.htm>), nas palavras do próprio Jung, numinoso seria “uma instância ou efeito dinâmicos não causados por um ato arbitrário da vontade. Pelo contrário, ele arrebatava e controlava o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador. O numinoso – indiferentemente quanto a que causa possa ter – é uma experiência do sujeito independentemente de sua vontade. ... O numinoso é tanto uma qualidade pertinente a um objeto visível como a influência de uma presença invisível que causa uma peculiar alteração da consciência.”

homens que considera fortes “crêem mais em destinos do que em causa, crêem mais no que os impele para a frente no que espicaça por trás, crêem mais numa força interna do que em estímulos externos” (94). Tal contradição, portanto, que faz da ciência uma nova fé, proporciona a queda da própria ciência, por apresentar sinais de degeneração e fraqueza.

Nesse contexto, as classes superiores abandonam a fé enquanto as inferiores trazem-na à tona das mais variadas formas. O autor afirma que a religião é a essência das culturas e que o homem possui o desejo da verdadeira religiosidade mas que o ateísmo existe nas classes superiores e, segundo ele, “é a necessária expressão duma espiritualidade que já se realizou e exauriu as suas possibilidades religiosas” (98), daí, sendo incompatível com o desejo da verdadeira religiosidade, e poderá acabar com uma nação pois quando o homem descobre que não há significação na vida após a morte ele abandona a esperança, fato que faz com que a religião deixe de ser a alma da cultura e seja substituída por mitologias. Assim, a ciência que afasta as pessoas da religião as leva de volta ao mistério e a fé. Para Freud:

... a religião não mais possui sobre o povo a mesma influência que costumava ter... E isso não aconteceu por que suas promessas tenham diminuído, mas porque as pessoas as acham menos críveis. (1997: 61)

Esse, portanto, é o contexto cultural em que a astrologia ganha força.

Corroborando tais dizeres, Libânio (2004: 7) define o ser humano como um “ser-fé” e diz que a busca de um Ser maior do que nós atravessa a história da cultura, ao mesmo tempo em que cita o Princípio Esperança do filósofo marxista Ernest Bloch, e Pascal, que afirma que o homem é mais do que ele mesmo. O autor afirma que o homem é estruturalmente voltado para o mistério e para a Transcendência, mas que para ele, embora pareça a fé ser uma solução, ela é um problema. Após traçar um breve perfil dos momentos de fé da humanidade, esclarece que “um terrível cansaço perpassa a modernidade pós-cristã, que corroeu idéias e valores tradicionais” (8) e aponta que “há busca de realidades místicas que venham responder à solidão da

racionalidade instrumental, ao cálculo frio da sociedade materialista e consumista” (9) da atualidade.

Assim, pode-se dizer que a busca por algo em que acreditar faz parte da essência humana: “A fé é uma experiência humana fundamental que se faz entre as pessoas e que se prolonga para coisas, mistérios e religiões. Crer é a condição de existir num convívio humano” (12). De acordo com ele: “Enquanto a fé antropológica é uma necessidade para o existir humano, a fé no divino parece responder ao desejo de mistério inerente ao ser humano.” (52)

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta as áreas que forneceram embasamento teórico para a análise de horóscopos, e está organizado da seguinte maneira. Primeiramente fará referência à análise crítica do discurso e à lingüística sistêmico-funcional, passando pelas metafunções interpessoal e textual. Depois, refere-se à intertextualidade, à noção de gênero - estabelecendo uma relação entre gênero e coerência -, e também à construção de mundo textual e à avaliação implícita. Finalmente, foca a condição, abrangendo o conceito de inferências convidadas e seus sub-temas como condição perfectiva (CP), extensão da CP e implicatura, além de abordar a relação entre a construção condicional e o Tema e a expressão da condição.

1.1. A análise crítica do discurso

A análise crítica do discurso (ACD) é, segundo Fairclough (1992), uma orientação no estudo da língua que associa a análise do texto lingüístico a uma teoria social do funcionamento da língua. Embora Voloshinov tenha estabelecido em fins dos anos vinte os princípios para uma análise crítica, e Firth tenha sugerido por volta de 1935 que a língua é um modo de uma pessoa se comportar, mas também de fazer os outros se comportarem, somente na década passada a orientação crítica começou a se impor.

Todos reconhecem a importância da língua nesse processo de construção, mas na prática, segundo Fowler (1991), a língua recebe um tratamento relativamente pequeno. Por isso, é seu objetivo dar à língua a devida importância, não somente como um instrumento de análise, mas também como um modo de expressar uma teoria geral da representação.

Para Fowler, a comunicação de eventos e idéias não se dá de forma neutra, já que sua transmissão ocorre através de meios com características estruturais próprias, já com valores sociais que criam uma perspectiva potencial em relação aos eventos. Portanto, a forma particular assumida pelo sistema gramatical da língua está intimamente relacionada às necessidades sociais e pessoais para as quais a língua

deve servir. O autor diz que a linguagem é carregada de valores, que já estão na língua, independentemente de quem sejam o autor e o receptor da mensagem. Além disso, reforça a não-neutralidade da linguagem ao mencionar que a ideologia está impressa em todo tipo de discurso.

Assim, para Fowler, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de lingüística direcionada para a compreensão de tais valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como lingüística crítica.

A análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto socio-histórico, que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise lingüística. Ela procura, estudando detalhes da estrutura lingüística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua – e que estão subjacentes à notícia, para quem aceita o discurso como 'natural'. Não é um procedimento que automaticamente produz uma interpretação 'objetiva'.

Fowler aponta o modelo funcional desenvolvido por M. A. K. Halliday (1985; 1994) e seus colaboradores como o melhor modelo para examinar as conexões entre estrutura lingüística e valores sociais. A base dessa lingüística reside na forte noção de 'função', isto é: a língua tem a função de construir significados, podendo ser distintamente utilizada para escrever horóscopos, manchetes, saudar, fazer um testamento, repreender uma criança, e assim por diante.

1.2. A lingüística sistêmico-funcional

A lingüística sistêmico-funcional (LSF³) procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões lingüísticos. Segundo Eggins (1994), a

³ Halliday a chamou Gramática Funcional.

abordagem da LSF, proposta por Halliday (1985; 1994) e seus colaboradores, explica o modo como os significados são construídos nas interações lingüísticas do dia-a-dia. Por isso, requer a análise de produtos autênticos das interações sociais, levando em conta o contexto cultural e social em que ocorrem a fim de entender a qualidade dos textos: por que um texto significa o que significa, e por que ele é avaliado como o é.

Por isso, quando se trata de examinar a conexão entre estrutura lingüística e valores sociais, o modelo funcional desenvolvido por Halliday (1985; 1994) e seus pesquisadores tem recebido a acolhida de pesquisadores. Assim é, por exemplo, com Kitis e Milapides (1996), Lemke (1998), Muntigl (2002), Moore (2006), Coffin e O'Halloran (2006) e tantos outros. Assim, Fowler (1991), que se confessa essencialmente eclético em relação à sua atitude aos instrumentos de análise, afirma que, para ele, a LSF é o melhor modelo para esse tipo de pesquisa. O seu ponto teórico principal na análise – e esse fato nos interessa de perto - é de que *qualquer* aspecto da estrutura lingüística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação).

Há quatro pontos - funcional, semântico, contextual e semiótico - que caracterizam a abordagem sistêmica como sendo uma abordagem semântico-funcional da língua: (a) o uso da língua é funcional; (b) a função da língua é construir significados; (c) os significados sofrem a influência do contexto cultural e social em que são intercambiados; (d) o processo envolvido no uso da língua é semiótico: processo de construção do significado através de escolhas.

Para a LSF, portanto, o uso da língua é funcional, e a função da língua é construir simultaneamente 3 significados ou metafunções: ideacional (experencial + lógico), interpessoal e textual. Essa fusão é possível porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, que entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

Assim, a LSF é funcional porque tem como meta responder às perguntas:

1. O que fazemos com a língua? (que função tem a língua?)
2. Como a língua está estruturada para ser usada? (como estão estruturados os textos e as outras unidades lingüísticas para construir significados?)

Além disso, o sistema lingüístico é semiótico porque é constituído por signos investidos de significado e permite escolhas. O que caracteriza um sistema semiótico é o fato de que cada escolha no sistema adquire seu significado em relação a outras escolhas que poderiam ter sido feitas. Tal possibilidade permite ver a língua como um recurso para construir significados em diferentes contextos.

Por outro lado, os significados sofrem a influência do contexto social, entendido como (a) contexto cultural ou gênero e contexto situacional ou registro. Alguns fatos mostram que língua e contexto estão interrelacionados: (a) somos capazes de deduzir o contexto de um texto (um texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido); (b) somos capazes de predizer a língua através de um contexto; (c) sem um contexto não somos capazes, em geral, de dizer que significado está sendo construído. Mas quais feições desse contexto afetam o uso da língua? Para responder a essa questão, os systemicistas lançam mão de dois conceitos: registro e gênero. Destes dois conceitos, enfocaremos o gênero.

1.2.1. As metafunções

A metafunção ideacional representa os eventos nas orações em termos de fazer, sentir (processamento simbólico) ou ser. A metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar ou pedir informação ou bens & serviços. Finalmente, a metafunção textual organiza os significados ideacional e interpessoal de uma oração re-trabalhando quais os significados que são representados em primeiro ou no final da oração. Na presente pesquisa, enfocaremos as metafunções interpessoal e textual.

1.2.1.1. A metafunção interpessoal

Segundo Halliday (1994), a oração, simultaneamente com sua organização como mensagem (ideacional/experiencial), está também organizada como um evento interativo, envolvendo falante, ou escritor, e a audiência. Esta metafunção embasa uma série de modificações e ampliações que o estudo da inter-relação produtor/receptor de textos tem experimentado em data recente. Assim, por exemplo, segundo Thompson e Thetela (1995), talvez seja mais apropriado fazer uma distinção no interior da metafunção interpessoal, e vê-la como abrangendo duas funções relacionadas mais relativamente independentes: a pessoal e a interacional. Por outro lado, numa abordagem que interessa ao meu trabalho, Lemke (1988 e 1998) alia essa metafunção à noção de heteroglossia para representar as afinidades intertextuais que um texto tem em relação a padrões regulares de discurso da comunidade e mostra como cada texto os instancia, renova e inter-relaciona para formar um significado único e específico-do-texto.

Na metafunção interpessoal, os tipos fundamentais de papéis de fala, que ficam subjacentes a todos os demais tipos mais específicos que possam existir, são apenas dois: (i) dar, e (ii) pedir. Juntamente com essa distinção básica está uma outra distinção, igualmente fundamental, que se relaciona com a natureza do produto que está sendo permutado. Este pode ser (a) bens e serviços ou (b) informação. A função semântica da oração como permuta de informação é uma proposição; a função semântica da oração como permuta de bens & serviços é uma proposta.

Para Halliday e Hasan (1976: 26-27), a metafunção interpessoal:

Preocupa-se com as funções social, expressiva e conativa da linguagem, com a expressão do “ângulo” do falante: suas atitudes e julgamentos, sua codificação da função das relações na situação e sua motivação em dizer absolutamente qualquer coisa.”⁴

Para Halliday (1985), a gramática de qualquer língua inclui um componente interpessoal que serve para realizar essas funções. Neste componente, acima de

tudo, são os sistemas gramaticais de *mood* e modalidade que sinalizam a interação. O primeiro é definido como o sistema que estabelece relações entre papéis entre falante e ouvinte, enquanto que a modalidade expressa a avaliação que esse falante ou ouvinte fazem sobre o conteúdo da mensagem, de acordo com Berry (1975: 66). Halliday (1985: 163-164) menciona também outros elementos que realizam a metafunção interpessoal, como os epítetos atitudinais, que são os tradicionais adjetivos com função de avaliação.

Contudo, outros autores (e.g., Lemke, 1998: 86) notam que esta abordagem tende a confundir as funções interpessoais e a função do 'intrrometimento' pessoal. As expressões modais e atitudinais normalmente expressam a visão do falante sem diretamente estabelecer as expectativas interacionais como fazem as escolhas de *mood* – em especial a presença ou ordenamento do sujeito e do finito no interior do *mood* – (e.g., uma interrogativa espera normalmente uma declarativa como resposta do interlocutor). Além disso, é possível ver a modalidade, mesmo que expressa por verbos modais, como se sobrepondo e não como substituindo o tempo primário, pois os verbos modais estão em geral no tempo presente (eles começam da visão do falante no momento da fala).

1.2.1.1.1. O metadiscurso

Fuertes-Olivera et al. (2001) tratam da metafunção interpessoal, examinando o metadiscurso - “aqueles aspectos do texto que se referem explicitamente à organização do discurso ou o posicionamento do escritor em relação ao conteúdo ou ao leitor” (Hyland, 1998: 438). Embora eles examinem o metadiscurso em slogans e títulos, sua proposta pode contribuir para entendermos o funcionamento dessa metafunção interpessoal na questão da persuasão que domina o discurso dos horóscopos.

Dizem eles, que, como um construto pragmático central, o metadiscurso “permite ver como os escritores procuram influenciar a compreensão do leitor a respeito não só

4 “...is concerned with the social, expressive and conative functions of language, with expressing the speaker’s ‘angle’: his attitudes and judgments, his encoding of the role relationships in the situation, and his motive in saying anything at all.”

do texto, mas também de sua atitude em relação ao conteúdo e à audiência” (Hyland, 1998: 438).

Num sentido pragmático, prosseguem, as pessoas usam a língua para alcançar metas específicas de acordo com dois princípios básicos da linguagem: cooperação e esforço mínimo. Isso significa que os textos podem ter muitas (e opostas) interpretações, não somente porque usamos a língua *indexicalmente*, mas também porque o que queremos dizer não é o que dizemos. Para alcançar a solidariedade, o metadiscorso é essencial, pois ele ajuda a organizar as palavras como um texto coerente, e expressa a personalidade, a credibilidade, do escritor, a sensibilidade do leitor e a relação com a mensagem. Em outras palavras, para entender a pragmática da mensagem, precisamos situá-la no seu contexto e gênero apropriados.

A propaganda moderna, segundo eles, é dirigida a consumidores ‘saturados’, e deve pressupor a idéia de ‘participação’, assim implicando a predominância de funções orientadas-para-o-participante. Em outras palavras, o consumo de massa é somente possível se o produtor expressar uma mensagem persuasiva sob a máscara de informação, de tal modo que o receptor tem a impressão ilusória de mensagem referencial.

Nessa linha de raciocínio, a pesquisa da linguagem da propaganda conclui que os redatores de material de propaganda (*copywriters*) confiam em certas estratégias discursivas para superar aquelas dificuldades: (a) uso de padrões regulares de escolhas textuais; (b) importância de estratégias de saliência, tais como aliteração, repetição de letras, assonância, mistura de linguagens e soletração imprevista; (c) preferência por certos tipos de sentença (especialmente perguntas retóricas e ordens, além de estruturas de sentença, tais como a comparação implícita, elipse, substituição e orações curtas; (d) uso freqüente de certas relações semânticas (especialmente homonímia, polissemia e ambigüidade) e associações semânticas; (e) escolha de linguagem de dialeto e registro, fazendo assim associações entre o produto e a audiência meta; (f) imitação de conversa informal; (g) importância de linguagem figurada, especialmente metáfora, sinédoque e metonímia.

Em resumo, essas estratégias discursivas diferentes parecem equilibrar as funções

referencial, conativa e poética da linguagem.

As estratégias revelam que os receptores podem exercer um papel ativo na decodificação da propaganda. Em primeiro lugar, eles podem rejeitar as propagandas porque sua mensagem não corresponde às suas expectativas, i.e. falham em encontrar as condições de adequação (Hyland, 1996 apud Fuertes-Olivera et al. (2001). Segundo, as mensagens podem falhar em endereçar as condições de aceitabilidade requeridas pelos participantes da interação. Para superar essa oposição, usa-se o metadiscurso.

A primeira objeção é superada por meio do metadiscurso textual que ajuda os leitores a processar o texto e interpretá-lo consistentemente com sua compreensão epistemológica e as expectativas de gênero. A segunda objeção é contornada por meio do metadiscurso interpessoal que capacita os *copywriters* a adotar um tipo de equilíbrio entre informar e persuadir. Por exemplo, títulos e slogans encontram essas condições graças à intertextualidade.

De acordo com Halliday, a função interpessoal da linguagem possibilita ao participante comunicar atos com outras pessoas e é realizado por vocativos, opções de modo e modalidade. Essa função alerta os ouvintes sobre a avaliação e a atitude do falante em relação à informação proposicional e ao próprio ouvinte. Os autores citam os seguintes recursos para a realização da função interpessoal: marcadores pessoais, hedges e enfatizadores, e os horóscopos fazem uso freqüente desses dois últimos

(1) Marcadores pessoais

Embora as propagandas dirijam-se a milhões de pessoas, elas devem dar a impressão de se dirigir pessoalmente ao consumidor. Isso se consegue basicamente pelo uso de pronomes, que ajudam a dar um sentido de solidariedade, pois o produtor da mensagem é mostrado como membro do grupo alvo.

(2) *Hedges (possível, talvez, apenas)*

Marcam a relutância do escritor em apresentar ou avaliar o conteúdo proposicional de maneira categórica:

(a) usado para amenizar ou dissimular nosso ponto de vista para torná-lo aceitável socialmente;

(b) usado para negociar o significado, especialmente em encontro face-a-face.

Os *hedges* asseguram os receptores de que os escritores não pretendem ameaçar sua liberdade de ação.

Em slogans e títulos, os modais misturam possibilidade epistêmica com necessidade epistêmica. Na possibilidade epistêmica, os escritores indicam que eles não sabem que a proposição é falsa; na necessidade epistêmica, os escritores mostram que, com base no conhecimento que têm, eles não poderiam aceitar a possibilidade de a proposição não ser verdadeira. Ou seja, os escritores implicam que sua mensagem é verdadeira e que assim devem ser considerados com base na sua *expertise*.

(3) Enfatizadores

A pesquisa da tendência do mercado e do comportamento do consumidor sugere que a maioria dos consumidores deve receber uma 'informação' adicional para superar um tipo de dilema moral que eles enfrentam quando julgam estar comprando algo de que não necessitam.

1.2.1.2. A metafunção textual

Para Halliday (1994), o Tema é o ponto-de-partida para a mensagem; é o solo de onde a oração decola. Assim, parte do significado de qualquer oração depende do elemento que é escolhido como Tema. Há uma diferença de significado entre *Cinco centavos é a menor moeda inglesa*, em que *Cinco centavos* é o Tema ('Vou lhe falar a respeito de uma moeda de cinco centavos'), e *A menor moeda inglesa é a de cinco centavos*, em que *A menor moeda inglesa* é o Tema ('Vou lhe falar a respeito da menor moeda inglesa'). A diferença pode ser caracterizada como 'temática'; as

duas orações diferem na escolha do tema. Glosando-as assim, como 'Vou lhe falar a respeito de...', podemos sentir que elas são mensagens diferentes.

O Tema não é necessariamente um grupo nominal, como aqueles acima. Pode ser também um grupo adverbial ou uma frase preposicional, ou uma oração, como no caso das orações subordinadas antepostas à principal, como uma das que integram o meu corpus de análise:

Se você resistir,	<i>você encontrará seu poder</i>
TEMA	REMA

Quadro 1 – Tema e Rema

1.3. A intertextualidade

A intertextualidade é, para a presente pesquisa, mais um pano de fundo que possibilita a existência de vários fatores que influem na persuasão implícita, do que propriamente uma categoria de análise. Assim, ela ampara a noção de gênero como um enquadre – estruturas mentais de conhecimento que captam as feições típicas de uma situação, para garantir a coerência, relacionando texto, contexto, conhecimento de mundo e coerência; está por trás da construção de mundo textual, que por sua vez garante o papel da construção condicional – uma categoria de análise do horóscopo – na efetivação da persuasão implícita nesse gênero.

Conforme Fairclough (1992), o termo 'intertextualidade' foi cunhado por Kristeva no final dos anos 1960, e tem base na abordagem intertextual de Bakhtin (1997), ou nos termos do próprio de Bakhtin, 'translingüística'. A intertextualidade, segundo Fairclough, implica uma ênfase sobre a heterogeneidade dos textos e um modo de análise que ressalta os elementos e as linhas diversos e freqüentemente contraditórios que contribuem para compor um texto. Os textos diferem na medida em que seus elementos heterogêneos são integrados, e também na medida em que sua heterogeneidade é evidente na superfície do texto.

Para Voloshinov (1981), toda comunicação verbal, escrita ou falada, é 'dialógica', ou seja, falar ou escrever é referir-se àquilo que foi dito/escrito antes, e

simultaneamente antecipar respostas potenciais ou imaginadas dos leitores ou ouvintes. Inicia dizendo que aquilo que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na construção sintática “em pessoa”, como uma unidade integral da construção.

Sabe-se, segundo o autor, que a unidade real da língua, que é realizada na fala, não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Encontramos justamente nas formas do discurso citado um documento objetivo que esclarece esse problema. Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na “alma” do receptor, mas sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua, no caso desse trabalho, sob a forma de horóscopos. O mecanismo desse processo não se situa na alma individual, mas na sociedade, que escolhe e gramaticaliza – isto é, associa às estruturas gramaticais da língua – apenas os elementos da apreensão ativa, apreciativa, da enunciação de outrem que são socialmente pertinentes e constantes e que, por consequência, têm seu fundamento na existência econômica de uma comunidade lingüística dada.

White (2003) propõe uma análise de recursos lingüísticos referentes ao posicionamento intersubjetivo (que têm sido rotulados de *modalidade*, *polaridade*, *evidencialidade*, *hedging*, *intensificação*, *atribuição*, *concessão* e *consequência*). Inspirando-se na noção de perspectiva dialógica de Bakhtin (1997), ele tenta mostrar que recursos léxico-gramaticais podem ser reunidos em termos da semântica discursiva ou retórica, fornecendo meios para o falante posicionar-se em relação a pontos de vista ou posições sociais referenciados pelo texto e, por conseguinte, alinhar-se ou não em relação a outros sujeitos sociais. Para Voloshinov, toda comunicação verbal, escrita ou falada, é 'dialógica', ou seja, falar ou escrever é referir-se àquilo que foi dito/escrito antes, e simultaneamente antecipar respostas potenciais ou imaginadas dos leitores ou ouvintes.

Reforçando o dialogismo de Voloshinov, White diz que para examinar e descrever adequadamente a funcionalidade comunicativa dos recursos léxico-gramaticais, é necessário vê-los como fundamentalmente dialógicos ou interativos. Pelo uso de palavras como *talvez, tem sido afirmado que, naturalmente, eu acho*, a voz textual age, antes de mais nada, para reconhecer, comprometer-se ou alinhar-se com posições que podem ser alternativas àquilo que está sendo dito no texto. É a taxonomia que oferece meios para evidenciar como as vozes textuais se engajam com vozes alternativas e ativamente representam o contexto comunicativo como caracterizada pela diversidade heteroglóssica.

Em termos amplos, o autor divide os enunciados em dois grupos: heteroglóssicos ou dialogísticos, nos quais há sinal de compromisso com posições alternativas e também há a possibilidade de negociação dos significados, e monoglóssicos, afirmações não-dialogizadas que não possibilitam posições alternativas (*bare assertions*), estes últimos bastante encontrados no texto do horóscopo.

1.4. O gênero

O texto do horóscopo, como um gênero que é, apresenta estágios, cada um com sua função. Tais estágios constituem uma das categorias de análise no exame do horóscopo. Adotaremos aqui a definição de gênero na LSF, devida a Martin (1984).

Mas, quando se fala em gêneros do discurso, não se pode deixar de mencionar Bakhtin (1997) a quem se atribui a seguinte definição, aceita hoje nos meios lingüísticos: “gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por cada esfera de utilização da língua” (279). Segundo ele, incluem desde o diálogo cotidiano até a exposição científica. Nesse sentido, o horóscopo se elegeria como um tipo de gênero.

Na LSF, Martin (1984) oferece uma definição mais elaborada: “gênero é uma atividade, organizada em estágios, orientada para uma finalidade na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura” (25). Portanto, pode ser visto tanto quanto um artefato cultural motivado por contexto quanto como tendo (e

sendo identificado por) uma estrutura esquemática. Diz ele que grande parte do choque cultural é de fato choque de gênero. Menos tecnicamente (Martin, 1989) diz que gêneros são como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para efetivá-las (248).

Portanto, como membros de uma cultura, temos um conhecimento de como as pessoas usam a língua para conseguirem diferentes coisas. A teoria do gênero traz para a consciência esse conhecimento cultural inconsciente, descrevendo como as pessoas usam a língua para fazer coisas. Martin (1992) sugere que devemos identificar para um texto completo um macro-gênero, dentro do qual há uma série de gêneros.

Por outro lado, Hasan (Halliday e Hasan, 1985) mostra como estruturas esquemáticas genéricas possuem elementos obrigatórios e, algumas vezes, opcionais, que podem ser notados de modo linear por meio de declarações potenciais de estrutura genérica (GSP - *generic structure potential statements*). Mas, observa ela, que nem sempre é possível a identificação das etapas de um gênero.

1.4.1. O gênero e a coerência

Bednarek (2005) relaciona a noção de gênero à de enquadres (*frames*), aplicadas ao discurso pelo ouvinte – estruturas mentais de conhecimento (*mental knowledge structures*) que captam as feições típicas de uma situação – que garantem a sua coerência. Tendo estabelecido uma definição prática de enquadre, ela focaliza a relação entre texto, contexto, conhecimento de mundo e coerência. Tipos diferentes de enquadres (lingüísticos e não-lingüísticos) e suas funções de indução de coerência são discutidos com referência a exemplos autênticos, e mostra-se que a coerência de textos re(construída) pelo ouvinte é o resultado de uma interação complexa de contexto lingüístico e conhecimento(frame) não-lingüístico.

Falando em termos amplos, diz a autora, a teoria de enquadre trata do conhecimento de mundo. Numa primeira definição, um enquadre pode ser

considerado uma estrutura mental de conhecimento que capta feições 'típicas' do mundo. Desde a sua concepção, o conceito de enquadre tem interessado pesquisadores de vários campos e tradições (cf. Tannen, 1993a: 3; 1993b: 15). Ela prossegue dizendo que os pioneiros vieram da filosofia e da psicologia (cf. Koneiding, 1993:8), mas que seus conceitos foram desenvolvidos e reinterpretados por pesquisadores da inteligência artificial (Minsky, 1975; 1977) e da sociologia (Goffman, 1974, 1981) para nomear apenas alguns campos e autores.

Apesar do fato de não existir uma teoria de enquadre *unificada* com termos específicos e definições, a teoria do enquadre tem também, de um modo ou outro, conseguido aceitação ampla entre os lingüistas, que se concentram nos vários aspectos do fenômeno do enquadre. Bednarek cita, por exemplo, Raskin (1984) e Koneiding (1993), que estão interessados na lexicografia e a relação entre enquadres e significado.

Prossegue dizendo que, na verdade, a semântica de enquadre exerce um papel importante na teoria do enquadre lingüístico. Aponta que *The Round Table Discussion* dos semanticistas do enquadre (publicado no *Quaderni di Semantica* 1985 e 1986) conta entre seus participantes com pesquisadores consagrados como Fillmore, Hudson, Raskin and Tannen (e.g. Fillmore, 1985; 1986, apud Bednarek, 2005); que o conceito de enquadre tem sido aplicado na análise do discurso (e.g. Brown e Yule, 1983; Müller, 1984); afirma que Chafe (1977) está primeiramente preocupado com enquadres e a *verbalização*, i.e. "aqueles processos pelos quais o conhecimento não-verbal é transformado em língua" (Chafe, 1977: 41 apud Bednarek, 2005) e que Shanon (1981) trata dos "indicadores lingüísticos" (Shanon, 1981: 35) de *frames*.

Em termos amplos, a autora diz que essa teoria trata do conhecimento de mundo e "pode ser considerado como uma estrutura mental de conhecimento que capta feições 'típicas' do mundo". Em seu artigo, ela enfatiza a relação entre enquadres e discurso, preocupando-se com a relação entre enquadre, ouvinte e coerência, objetivando mostrar que se não há a aplicação de enquadre pelos ouvintes, torna-se difícil induzir a coerência textual no discurso.

Quanto à coerência, a autora a conceitua como uma propriedade não inerente ao texto, que depende de relações lógicas estabelecidas entre o ouvinte e o texto, ou seja, ela se refere à extensão pela qual os ouvintes julgam que este texto 'está unido' e constitui um todo unificado.

Bednarek (2005) afirma que a coerência dos textos é (re-)construída pelo leitor/ouvinte como resultado de uma complexa interação entre (con)texto lingüístico e conhecimento não-lingüístico – enquadres entre os quais estaria o reconhecimento pelo leitor do gênero a que pertence o texto. A propósito, já Vigner (1988) dizia que reconhecer um gênero é poder regular a leitura sobre um sistema de expectativas, inscrevê-la numa trajetória previsível, a partir da apreensão de um certo número de sinais. Antes ainda, Grivel (1973) dizia que cada signo desencadeia uma lembrança e entra no quadro de uma longa experiência, o que permite saber o texto antes de percorrê-lo.

Já considerado tanto um fenômeno cognitivo, por ser uma estrutura que é estocada na mente, quanto como um conceito lingüístico, atualmente o enquadre é definido como um fenômeno mental, uma estrutura de conhecimento que não é inata, mas adquirida através da socialização, 'construída' a partir da experiência (da nossa experiência ou relatos de experiência por outros etc.), e, portanto, é tão dependente diacronicamente quanto culturalmente.

Pode-se perceber o alcance de da teoria do enquadre no efeito de condicionar o leitor ideal. Assim, com relação ao horóscopo, julgamos que o leitor – uma vez envolvido pelo enquadre do gênero, estaria inconscientemente submetendo-se aos ditames desse gênero, e, assim, não se preocuparia em questionar a veracidade das afirmações ali contidas, já que o enquadre lhe proporcionaria a coerência necessária.

Em outras palavras, o gênero seria um meio de persuasão implícita altamente eficiente.

1.5. A construção de mundo textual

Segundo Downing (2003), o discurso em linhas gerais é “um esforço deliberado e conjunto por parte do produtor e do receptor para criar um “mundo” dentro do qual as proposições apresentadas são coerentes e fazem sentido. Citando Semino (1997, apud Downing, 2003), ela diz que quando lemos, inferimos ativamente um mundo textual ‘atrás’ do texto, ou seja, ao contexto, ao cenário ou tipo de realidade que é evocado em nossas mentes durante a leitura e que é referido pelo texto. O mundo textual não é uma entidade fixa que é percebida da mesma maneira pelos leitores; de fato, nem há garantia de que os receptores construirão o mundo textual pretendido pelo produtor.

Downing explora o modo como se criam mundos textuais no discurso através de escolhas lingüísticas e de feições de contexto, que são cruciais na determinação das relações específicas entre produtor e audiência, em particular, o conhecimento da dêixis e do ‘frame’. Nesse processo, o receptor reconstrói o mundo projetado no discurso de acordo com seu próprio conhecimento cultural e pessoal a partir de pistas lingüísticas deixadas no texto.

É importante para a análise da persuasão no horóscopo a noção de enquadre (*frame*), também examinado por Bednarek (2005), que o relacionou diretamente à coerência do texto, como veremos, definido como “estrutura cognitiva de suposições culturalmente determinadas e expectativas desenvolvidas a partir de experiências passadas em situações semelhantes”. O enquadre evoca o conhecimento pessoal e cultural relevantes para a coerência de um texto. O papel do enquadre, segundo Downing, é crucial no processamento da informação do texto porque permite a introdução de elementos *default*, isto é, a informação que se conforma a padrões já existentes e que são apresentados como dados, isto é, a informação que é *taken for granted* e aceita como verdadeira, e que, por isso mesmo, tem uma base ideológica.

Outra noção importante para a pesquisa é de dêixis: definido como “a gramaticalização e lexicalização de informação referencial que é processada

contextualmente”. A função do dêitico (*aqui, hoje*) não tem somente função ideacional (*Aqui está o livro*), mas pode ser usada para criar um espaço comum entre produtor e receptor em que a dêixis refere-se “ao lugar em que o receptor é convidado a entrar”.

Noções igualmente importantes para a minha pesquisa, citadas por Downing, são as de - elipse, pressuposição e conhecimento partilhado – que contribuem para criar um tom de conversa, estabelecendo a relação entre as personagens do mundo fictício e o receptor, baseado na suposição de que há quantidade suficiente de conhecimento partilhado para determinar o sentimento de proximidade, confiança, informalidade e intimidade. O que não é dito é que é importante, pois reflete o que as pessoas tomam por aceito (*taken for granted*), já que o horóscopo joga com referências intertextuais, como veremos.

Em resumo, Downing explica que as escolhas lingüísticas são responsáveis pelos diversos significados possíveis das coisas e que determinam diferentes pontos de vista e interpretações da realidade, que refletem certas ideologias e constroem o senso-comum. À luz desse conceito de visão de mundo, a autora aponta que o discurso, sempre contextualizado, não se refere apenas a fatores pragmáticos de escolhas de termos lingüísticos em interação, mas também à maneira como tais escolhas contribuem para a criação de “mundos mentais” ou construções de determinadas realidades.

1.6. A avaliação implícita

Macken-Horarik (2003) pesquisa a avaliação em narrativa, mas suas propostas podem contribuir para o entendimento da persuasão implícita nos horóscopos. Inicialmente, ela se refere ao trabalho de Mikhail Bakhtin (Bakhtin, 1935[1981], 1953[1986], apud Macken-Horarik, 2003), que, como vimos, tornou teóricos literários e, finalmente, lingüistas, mais conscientes da característica profundamente ‘discursiva’ dos chamados textos monológicos. Nessa perspectiva, como uma resposta em diálogo, orienta-se em direção à resposta do outro (outros), em direção à sua compreensão responsiva ativa, que pode tomar diversas formas: influência

educacional dos leitores, persuasão de tema, respostas críticas influência em seguidores e sucessores, etc. (Bakhtin 1953 [1986]: 76). Segundo a autora, que recursos lingüísticos para a construção de emoção e ética são dispostos de maneiras específicas para co-criar complexos de significados de ordem mais elevada, ou metarelacões, que fazem os leitores adotar atitudes específicas em relação aos personagens no decorrer de um texto.

Sua pesquisa conecta-se às tentativas dos lingüistas sistêmico-funcionais Jay Lemke (1989, 1992, 1998, apud Macken-Horarik, 2003) e Paul Thibault (1989, 1991, apud Macken-Horarik, 2003) no que se refere a enriquecer perspectivas lingüísticas do significado interpessoal. Lemke ampliou o termo axiologia, de Bakhtin, para captar a complexa orientação de valores de textos e práticas textuais.

Os textos constroem modelos putativos de seus destinatários e do mundo discursivo de vozes competidoras, no qual pretendem ser ouvidas. Eles posicionam-se em relação a interlocutores reais e possíveis e em relação ao que eles mesmos e os outros possam dizer. Essa função fundamentalmente dialógica do texto foi introduzida por Bakhtin juntamente com a noção de heteroglossia: que todas as vozes sociais divergentes (classes, gêneros, movimentos, épocas, pontos de vista) de uma comunidade formam um sistema intertextual no qual cada um deles é necessariamente ouvido. Ele (ou seja, Bakhtin) mostrou que as relações que os textos constroem juntamente com essas vozes são tanto ideacionais (representativamente semânticas) quanto axiológica (orientadas aos valores) (Lemke 1989: 39).

Em sua pesquisa, há dois aspectos da axiologia textual relevantes a uma explicação do destinatário da narrativa. Primeiro, o leitor é convidado a uma posição de solidariedade empático-emocional com, ou, ao menos, compreensão das motivações de um dado personagem. Segundo, espera-se que o leitor assuma uma postura de discernimento-julgamento dos valores éticos adotados por um determinado personagem. Assim, um texto ensina por meio de dois tipos de subjetividade-intersubjetividade (a capacidade de 'sentir com' um personagem) e supersubjetividade (a capacidade de 'supervisionar' um personagem e avaliar suas ações eticamente).

Continuando, Macken-Horarik diz que a estrutura de um texto sugere uma leitura ideal, um posicionamento a partir do qual personagens e acontecimentos tornam-se inteligíveis, valores, partilhados e a narrativa, em si, coerente. Como o 'narrador implícito' identificado por Booth (1961, apud Macken-Horarik, 2003) e o 'leitor-modelo' descrito por Eco (1994, apud Macken-Horarik, 2003), o 'leitor ideal' não pode ser identificado com qualquer das vozes individuais articuladas no texto ou com os caprichos dos leitores reais ao interagir com o texto. Como nos lembra Chatman (1978, apud Macken-Horarik, 2003), 'o leitor ideal é uma posição e não uma função'. É uma posição idealizada projetada pelo leitor do texto que estabelece os termos da interação com o leitor e torna posições de sujeitos específicos mais ou menos prováveis ou 'preferidas' (Morley, 1980; Kress 1985; Cranny-Francis, 1990, apud Macken-Horarik, 2003). O leitor ideal é uma ficção útil, 'garantindo a consistência de uma leitura específica sem garantir sua validade em nenhum sentido absoluto' (Suleiman and Crosman, 1980: 11, apud Macken-Horarik, 2003).

A seguir, a autora fala da leitura relacional, explicando que esta não é a mesma coisa que uma leitura precisa. Há um nível de 'jogo' na estratégia de resposta disponível numa leitura literária. Além disso, a principal corrente de leitura relacional, que é privilegiada em exames, diferirá de outra que possa seguir uma leitura crítica (veja Rothery, 1994; Macken-Horarik, 1996).

A autora cita, então, um recente trabalho de Cortazzi e Lixian Jin destaca a importância de estar atento a vários níveis e contextos de avaliação textual (Cortazzi e Jin, 2000, apud Macken-Horarik, 2003), que explica de no horóscopo, mesmo que muitas vozes possam ser ouvidas, poucas serão sancionadas, porque o autor 'fala ao' leitor por meio de ventriloquismo semiótico para garantir essa sanção.

Esses leitores também são sensíveis a síndromes ou complexos de significado atitudinal e às maneiras em que confirmam, opõem-se a ou transformam outras escolhas léxico-gramaticais em outros locais do texto. Essas configurações de escolhas instantaneamente relevantes criam o que Thompson (1998, apud Macken-Horarik, 2003) denomina 'ressonância' – uma harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, isoladamente.

Outros notam esse fenômeno em seus estudos de avaliação. Veja, por exemplo, Hunston e Thompson (2000), sobre a complexidade de sua realização em diferentes discursos e Lemke (1998), sobre a qualidade ‘propagativa’ da avaliação. A esse respeito – embora algumas partes do texto possam ser mais ou menos interpessoalmente salientes do que outras -, precisamos ver todo o texto como aberto a e produtor de avaliação, seja ela implícita ou explícita. Embora seja muito difícil desenvolver uma metalinguagem para o que David Butt chama de ‘padrões latentes’ do significado textual (Butt, 1988, 1991, apud Macken-Horarik, 2003), isso é importante se precisamos desenvolver um modelo textual adequado de posicionamento do leitor.

1.7. A Condição

Em seu trabalho, Ikeda (2002) diz que, segundo Auwera (1997), as construções condicionais (doravante, CCs) vem sendo pesquisadas na lingüística ocidental há um quarto de século, tendo sido seu estudo iniciado por Bolinger (1952, apud Ikeda, 2002). Só mais recentemente as CCs começaram a ser estudadas em contexto de uso natural, deixando também o terreno exclusivo do texto escrito.

As CCs são tradicionalmente consideradas como constituídas por duas partes: a chamada *if-clause* ou oração subordinada adverbial condicional, e a oração principal (Allen, 1965; Bechara, 1969). Em lógica, a proposição correspondente à oração subordinada é chamada *prótase* e à oração principal, *apódose*). Veja a divisão, em Tradicionalmente, prossegue a autora, as construções condicionais são consideradas como constituídas por duas partes: a chamada *if-clause* ou oração subordinada adverbial condicional, e a oração principal (Allen, 1965; Bechara, 1969). Em lógica, as proposições correspondentes à oração subordinada e à oração principal são chamadas, respectivamente, de *prótase* e *apódose*). Por exemplo:

(1) Se ele estiver disposto a ceder e se comprometer, conseguirá relações positivas.

<i>Se estiver disposto a ceder e se comprometer,</i>	<i>conseguirá relações positivas</i>
--	--------------------------------------

subordinada adverbial condicional	principal
PRÓTASE	APÓDOSE

Quadro 2 – Prótase e apódose

Para Dancygier e Sweetser (1996), não se afirma nem a prótase nem a apódose, mas a relação entre elas. É preditiva e envolve conexão causal ou de capacitação, como em (1). Uma condicional preditiva estabelece automaticamente um espaço mental alternativo, onde p não ocorre ('não está disposto a ceder e nem a se comprometer') e nem q ('não conseguirá relações positivas').

Dancygier e Sweetser afirmam que uma oração condicional estabelece um espaço mental, nos termos de Fauconnier (1985; 1994), permitindo que generalizações sobre ambos os aspectos lógico e pragmático do significado condicional sejam capturadas, possibilitando a descrição de mundos possíveis. No caso em questão, esse fato explicaria a 'inferência convidada' (Geis, 1971). Em termos de espaço mental, dizem elas, uma condicional organiza um espaço mental: um modelo parcial ou local de alguns aspectos de conteúdo mental, possivelmente um modelo de alguma situação no mundo ou de alguma interação de ato de fala ou algum processo de raciocínio. Vamos a seguir apresentar a noção de inferência convidada, já que é ela que torna a construção condicional um veículo para a persuasão implícita.

1.7.1. Inferências convidadas

1.7.1.1. Condição perfectiva (CP - *perfected conditional*)

(1) Se John se debruçar na janela, ele cairá.

Geis (1971) diz que quando confrontados com sentenças tais como (1), alunos em cursos de lógica elementar freqüentemente propõem que os exemplos devem ser formalizados com bicondicionais e não com condicionais – ou seja, que (1) deve ser formalizado como a conjunção de (2) e (3) e não apenas de (2).

(2) $L \supset F$

(3) $\sim L \supset \sim F$ (Se John não se debruçar na janela, ele não cairá.)

A proposta é, obviamente, errada: a proposição (2) pode ser verdadeira e a (3), falsa, se John não se debruçar na janela, mas cair em decorrência de perder o equilíbrio, por exemplo.

O que está certo sobre a nova proposta dos lógicos é que em várias circunstâncias, sentenças que têm a forma lógica de (2) são interpretadas, ao menos por muitos falantes, como se implicassem a verdade de (3). Por exemplo, muitos falantes considerarão alguém que disser (4) como tendo se comprometido também com as verdades de (5) e (6).

(4) Se você cortar a grama, lhe darei 5 dólares.

(5) $M \supset G$

(6) $\sim M \supset \sim G$

Certamente, dadas nossas atitudes no que se refere à troca de dinheiro nossa sociedade, poderia-se ter a garantia por considerar que se alguém diz (4), age como se pretendesse ambos (5) e (6). Digamos que (4) promete (5) e convida a inferência de, ou sugere, (6).

Em muitos casos, incluindo os anteriormente mencionados, há uma associação quase regular entre a forma lógica de uma sentença e a forma da inferência por ela convidada. Uma declaração geral do princípio funcionando nesse caso é (7):

(7) A sentença da forma $X \supset Y$ convida a inferência da forma $\sim X \supset \sim Y$.

O princípio (7) defende uma conexão entre forma lingüística e uma tendência da tendência da mente humana de “completar condicionais em bicondicionais”, em palavras sugeridas por Lauri Karttunen (s/d, apud Geis, 1971). Essa tendência é manifestada em duas clássicas falácias lógicas. Afirmando o Conseqüente (concluindo X de $X \supset Y$ e Y) e Negando o Antecedente (concluindo $\sim Y$ de $X \supset Y$ e $\sim X$), bem como em casos como (1) e (4). A grande popularidade dessas falácias e a facilidade com que o princípio (7) pode confundir o lingüista investigando a semântica de sentenças condicionais indicam a força dessa tendência.

A partir daqui o princípio (7) será referido como condicional perfectiva (CP).

1.7.1.2. Extensão da CP

Vimos que CP é operacional no caso de previsões, como (1), e promessas, como (4). Isso também se aplica aos casos de ameaças, afirmação que vale por lei (*law-like statement*), comando e condicionais contrafatuais. Um exemplo de ameaça condicional é:

(8) Se você me incomodar essa noite, não deixarei você ir ao cinema amanhã.

Ele sugere que bom comportamento será recompensado. Um exemplo de afirmação que vale por lei:

(9) Se você esquentar ferro, ele fica vermelho.

Um exemplo de comando condicional:

(10) Se você vir uma pantera branca, grite "Wasserstoff" três vezes.

(10) sugere silêncio na ausência de panteras brancas. Um exemplo de condicional contrafactual que não é superficialmente marcada como tal é (11):

(11) Se Chicago fica em Indiana, sou a rainha da Romênia.

Sugere (embora não implique) que se Chicago não ficar em Indiana, então o falante de (11), de fato, não é a rainha da Romênia.

Um caso notável de CP envolve condicionais contrafatuais marcadas, como em (12):

(12) Se Andrew estivesse aqui, Bárbara estaria feliz.

É natural supor que tanto o antecedente quanto o conseqüente são falsos, que (12) pressupõe que Andrew não está aqui e que Bárbara é infeliz. Mas, afirma Karttunen, apenas o antecedente é pressupostamente falso: a falsidade do conseqüente é

meramente sugerida, não pressuposta. O que é tão interessante em relação a esse exemplo é que ilustra o grau em que uma CP pode desviar o analista.

1.7.1.3. Implicatura

Parece, então, ainda segundo Geis, que aquilo que chamamos "inferências convidadas" constitui uma classe especial de "implicaturas", na terminologia do filósofo H. Paul Grice, embora sejam claramente distintos das "implicaturas conversacionais" que são sua principal preocupação. Grice (1975) considera que a interpretação será dada a um enunciado dentro de um determinado contexto; ele busca princípios gerais governando os efeitos que os enunciados têm, princípios associados à natureza do próprio discurso. O princípio de *conditional perfection* é, de alguma forma, um princípio que governa os efeitos que os enunciados possuem - entende-se que as condicionais serão "completadas" a menos que o ouvinte tenha razões para acreditar que a interação seja falsa – mas, de maneira alguma, podemos vê-la derivada de considerações relacionadas à natureza do ato de fala. No caso de causa inferida, é no mínimo possível imaginar que o axioma de Grice seja a explicação do princípio de inferência convidada.

Quanto à associação das inferências convidadas com a forma sintética, não temos evidência de uma relação direta entre ambas, embora não possamos descartar essa possibilidade. Parece ser o caso de que uma inferência convidada pode, historicamente, tornar-se parte da representação semântica no sentido restrito; então, o desenvolvimento da conjunção *since*, da língua inglesa, de uma palavra puramente temporal a um marcador de causalidade pode ser interpretado como uma mudança de um princípio de inferência convidada associada a *since* (devido a seu significado temporal) com um pouco do conteúdo semântico de *since*.

1.7.2. A construção condicional e o Tema

Para Haiman (1978), as construções condicionais são tópicos, ou, em termos da lingüística sistêmico-funcional, Temas, constroem espaços mentais e contextualizam, visto que a informação já conhecida, é o pano de fundo para o que

se diz. Este fato é importante pois a oração condicional, como diz o nome, condiciona o leitor a raciocinar dentro dos limites que ela impõe.

Haiman (1978) mostra que as orações condicionais e tópicos são marcados identicamente em algumas línguas não-relacionadas. Diz ele que este é um fato surpreendente, já que não são geralmente consideradas categorias relacionadas. Entretanto, se semelhança formal reflete semelhança em significado, elas, de fato, devem ser relacionadas. Uma revisão de análises de condicionais (na literatura filosófica) e de tópicos (principalmente em lingüística) revela que, de fato, suas definições são bastante semelhantes. Além disso, é possível motivar revisões dessas definições através das quais elas se tornam virtualmente idênticas.

O autor diz que nem lingüistas e nem filósofos sugeriram uma explicação coerente para condicionais da linguagem comum; a maioria ainda não percebeu que tal tipo de explicação é possível. Lógicos, com poucas exceções, admitem que implicações materiais, definidas como funcionalmente verdadeiras, é uma aproximação muito pobre do significado de condicionais; e lingüistas dificilmente tentam chegar a tais definições.

Até que uma definição satisfatória para a categoria exista, o único critério para identificação de seus supostos membros é a forma superficial comum: no caso das orações condicionais, a presença, em inglês, de uma conjunção comum *se*; em outras línguas, de uma conjunção correspondente, ordem de palavras, desinência verbal e outros.

A tese deste trabalho é de que as *if-clauses* em inglês, como representadas nas sentenças abaixo, compartilhem um mesmo significado. Todas as orações são tópicos das sentenças em que ocorrem:

- a. Se Max vier, nós jogaremos pôquer.
- b. Se Max tivesse vindo, nós teríamos jogado pôquer.
- c. Se gelo for deixado ao sol, derrete.
- d. Mesmo se chover, o jogo continuará.
- e. Se você é tão esperto, por que você não é rico?
- f. Se você é tão esperto, arrume-se.

- g. Há comida na geladeira, se você está com fome.
- h. Se um fosse um carpinteiro ruim, seria ainda um pior carpinteiro.
- i. Ela tem mais de quarenta, se tiver.

Nossas definições de condicionais são principalmente o trabalho dos lógicos. Nossas definições de tópicos, entretanto, são o trabalho de lingüistas. De modo surpreendente, tais definições convergem: as definições mais satisfatórias de condicionais de linguagem comum (como as idéias de Ramsey 1931, Stalnaker 1975, e Ducrot, 1972, 1973, apud Haiman, 1978) aproximam as definições inteiramente independentes de tópicos surgidas em publicações lingüísticas recentes (cf. principalmente Chafe, 1976). Condicionais, como tópicos, são dados que constituem o enquadre de referência em relação a se a oração principal é verdade (se proposição), ou feliz (se não).

Stalnaker (1975:168-9, apud Haiman, 1978) sugere que uma oração condicional é, com efeito, uma instrução para 'incluir o antecedente a seu estoque de conhecimento e crenças e, então, considerar se a conseqüência é verdade ou não. Sua crença na condicional deve ser a mesma que sua crença hipotética, sob esta condição, sobre o conseqüente.'

Haiman compara a definição de oração condicional (1) com a de tópico (2), a seguir:

(1)

Uma oração condicional é (talvez apenas hipoteticamente) uma parte de conhecimento compartilhado pelo falante e seu ouvinte. Como tal, constitui a estrutura selecionada para o discurso seguinte.

(2)

O tópico representa uma entidade cuja existência recebe o aval do falante e de sua audiência. Como tal, constitui a estrutura selecionada para o discurso seguinte.

E conclui que (1) e (2) revelam a definição de categorias idênticas. Diz que:

Ao definir pressuposição como conhecimento compartilhado pelo falante e pelo ouvinte, mesmo que provisoriamente (já que uma suposição, ou condicional hipotética, é uma pressuposição provisória), argumento que tópicos, como orações condicionais, são

pressuposições de suas sentenças. Mas, superficialmente, ao menos, pressuposição significa coisas diferentes no caso de orações nominais e sentenças completas. (Haiman, 1978: 585)

Para uma oração nominal, é a EXISTÊNCIA de seu referente que é pressuposta. (Como suporte para a hipótese de Bach-McCawley sobre a origem de orações nominais referenciais, podemos notar a observação de Frege de que a existência de referentes de orações nominais referenciais geralmente constituem pressuposições de sentenças em que aparecem). Para uma sentença, entretanto, é a VERDADE da proposição da sentença que é pressuposta.

A validade ou verdade da proposição, entretanto, não é mais do que a existência do estado de coisas que ela descreve. Então, pressuposições, quer sejam orações nominais ou sentenças, são redutíveis a pressuposições de existência.

O problema de relevância existe para condicionais não menos que para tópicos, e a solução é a mesma. Lidando com condicionais, gostaríamos de distinguir entre sentenças como:

(3)

- a. Se minha galinha botasse ovos esta manhã, eu teria feito uma omelete.
- b. Se minha galinha botasse ovos esta manhã, a catedral de Colônia cairá amanhã.

Mas como vimos, autoridades recusam-se a fazer tais distinções, baseando-se no fato de que fazê-las seria extralingüístico (mais precisamente, pragmático).

Para ele, citando Rodman (1974, apud Haiman, 1978) lidando com tópicos, podemos querer distinguir entre estas sentenças:

(4)

- a. Falando em peixe, bacalhau é bom.
- b. Falando em peixe, Maria está doente.

Rodman argumenta, como acima, que não devemos. Assim como alguém que ouve 3b vasculha seu cérebro por um apropriado cenário causal, alguém que ouve 4b, também tentará encontrar alguma conexão entre peixe e a doença de Maria.

Mas a mesma lei de conversação invocada por Ducrot (1973, apud Haiman, 1978) para orações condicionais aplica-se para tópicos em geral. Não só o falante proporcionará mais informação relevante e saliente, mas seu ouvinte também irá assumir que ele o fez. É por essa razão que ele procurará por uma conexão racional entre antecedente e conseqüente em 3b, e entre tópico e comentário em 4b. O fato de que fará isso indica que tópicos em geral, como condicionais em especial, são selecionados a partir de listas potencialmente infinitas, e são implicitamente contrastadas com os outros membros destas listas. A base para essa seleção é o princípio extra-lingüístico da relevância.

1.7.3. A expressão da condição

Por outro lado, Ikeda (2001) refere-se às conjunções subordinativas condicionais. Cita Gama Kury (1970, apud Ikeda 2001), que apresenta as seguintes conjunções subordinativas condicionais no português: (introduzindo orações desenvolvidas): *se (caso, sem que = se não, contanto que, salvo se, exceto se, desde que, a menos que, a não ser que, etc.)* e (introduzindo reduzida de infinitivos): *a, sem, na hipótese de, no caso de, etc., além das construções constituindo as reduzidas de gerúndio*. Posteriormente, refere-se também a artigos sobre as CCs em inglês, que apontam *if, since, when*.

A autora mostra que seu estudo encontrou construções que expressam condicionalidade, embora não sejam nem introduzidas pelas tradicionais conjunções subordinativas condicionais, e nem constituam orações reduzidas. São introduzidas por: (1) comparativo, (2) senão, (3) assim, (4) toda vez, (5) sem conectivo) e (6) interrogativo.

(1) Comparativo

A construção comparativa pode estabelecer uma condição, como se vê no primeiro trecho sublinhado do seguinte segmento de conversa:

A: o problema é a saída quanto mais saída você só vende quando você sai

B: é a saída é

A: se você sai 10 vezes por mês você tem mais chance do que se sair 2 ou 3 vezes

É curioso notar que essa condição é explicitada com a conjunção *se* no segundo trecho sublinhado da interação.

(2) Senão

Senão caracteriza uma espécie de prótase resumida (*senão* resume o que foi dito por A, isto é: *se não trabalharmos dessa maneira*) à qual se acopla a apódose (*fica uma briga*).

A: quando receber < > sabe vamos trabalhar dessa maneira porque

B: *senão* fica uma briga na hora depois pra receber também é

A: fica um rolo desgraçado pra receber e a gente vive disso né? acho que a comissão tem que ser melhor, discutir daí, que *senão*, quebra isso quebra aquilo aí não quer assinar.

(3) Assim

Da mesma forma que a explicação acima, *assim* resume (*dentro de 30 dias...*) e a essa prótase resumida se acopla a apódose (*ele ganha tempo*).

A: se eles comunicarem que a documentação tá ok, temos que marcar que geralmente que eles querem que advogado né? dá uma olhada né? ah não tenho tempo de passar aí hoje não sei

B: e porque que ele tá fazendo isso? Dentro dos 30 dias é uma forma que ele tem de ficar com o dinheiro < > *assim* ele ganha tempo

(4) Toda vez

Toda vez também pode integrar uma construção condicional. O trecho sublinhado a seguir equivale a: *se sai alguém, o trabalho pára*.

A: agora deixa eu só, falando nisso, definir função, esse é o grande problema porque toda

a vez que sai alguém a gente pára todo o trabalho que vinha sendo feito e tem que recomeçar e passar então

(5) Sem conectivo

Nos casos de ocorrência de condicionalidade sem conectivo, a autora afirma que o contexto supre essa ausência, como no exemplo:

A: cliente que vem do Cr é uma carne de pescoço.
Se o cliente vem do Cr, é uma carne de pescoço

(6) Interrogativo

O seguinte exemplo, embora introduzido por *se*, apresenta uma peculiaridade e por isso foi incluído neste rol: ele é enunciado com entonação interrogativa e a apódose (afirmativa/interrogativa) deve ser entendida como sendo negativa:

A: *eu vou ficar preso 90 dias ou 120 se eu posso pegar uma proposta à vista?
* Se eu posso pegar a proposta à vista, eu NÃO vou ficar preso 90 dias ou 120.

2. METODOLOGIA

A metodologia tem cunho interpretativista, com base em dados quantitativos. A análise procurou relacionar a construção condicional, implícita ou explícita (com conectivos) com a persuasão nos horóscopos, levando em conta a noção de intertexto que contribui para tanto para convencer o leitor, quanto para proteger o escritor dos riscos de prognósticos falhos.

2.1. Dados

Foram analisados textos de horóscopos de 4 diferentes publicações *online* dos EUA durante os meses de novembro e dezembro de 2005 e fevereiro de 2006, totalizando o total de 53 dias. Como foram examinados 48 horóscopos por dia, o corpus desta pesquisa totalizou 2544 textos. As publicações escolhidas foram *Los Angeles Times*, *New York Daily News*, *Chicago Tribune* e *San Francisco Chronicle*, pois estão entre os 20 jornais de maior circulação nos Estados Unidos, além de serem periódicos de importantes cidades norte-americanas.

2.2. Procedimentos de análise

Todos os horóscopos foram analisados através das seguintes etapas:

(a) O horóscopo foi analisado como gênero, quando examinamos sua estrutura genérica ou esquemática, distinguindo os estágios que o compõem, bem como suas finalidades, conforme Martin (1984). Essa identificação mostra que há variação na estrutura genérica, ou seja, alguns estágios são mais permanentes que outros, ou em termos de Halliday e Hasan (1985), há estágios opcionais e outros, obrigatórios. No caso do exemplo 1, abaixo, o horóscopo está dividido em três estágios: prótase, apódose e contexto; porém, essa divisão nem sempre acontece.

Nessa etapa, verificamos:

(a.1.) as CCs, explícitas ou implícitas, isto é, iniciadas ou não pela conjunção 'se', na medida em que a omissão de conectivo explícito pode contribuir para envolver o leitor de maneira sub-reptícia. Veja exemplo (1):

(a.2.) as CCs e as suas partes constituintes: prótase e apódose. No caso do exemplo, a condicionalidade é expressa pela justaposição de duas sentenças, prótase e apódose, sem que haja o conectivo explícito 'se'. Veja exemplo (1):

Exemplo (1)

Your goal should be to listen and learn today. You will be able to put new information to good use sooner than you think. This is a great day to tie up loose ends and to get on with the things that really matter to you. (New York Daily News, 03-03-06, Libra)

Prótase	Your goal should be to listen and learn today.
Apódose	You will be able to put new information to good use sooner than you think.
Contexto	This is a great day to tie up loose ends and to get on with the things that really matter to you.

Quadro 3 - Exemplo de divisão em estágios

Procedeu-se, então, à contagem das CCs, distinguindo-se as iniciadas por prótase e as iniciadas por apódose, já que a prótase inicial é tema (Haiman 1978) e, assim, age como orientador tanto para a mensagem transmitida pela oração quanto para as expectativas do interlocutor de como entender o que está por vir.

(b) Na etapa (b), analisamos o horóscopo quanto à função interpessoal, segundo Fuertes-Olivera et al. (2001), procurando apontar elementos como:

(b.1.) *Hedge* (talvez, possível, apenas), responsável por: (i) amenizar ou dissimular nosso ponto de vista para torná-lo aceitável socialmente; (ii) negociar o significado, especialmente em encontro face-a-face, e por assegurarem os receptores de que sua liberdade de ação não será limitada pelos escritores.

(b.2.) Enfatizador, que confere força de inevitabilidade a um acontecimento futuro, colaborando para o tom persuasivo do texto. Assim, qualquer possível resistência por parte dos leitores em acreditar nos prognósticos poderá ser superada por ele.

(b.3.) Marcadores pessoais, por meio do uso de pronomes através dos quais se tem a impressão de que o texto dirige-se pessoalmente a cada leitor.

Exemplo (2)

Get ready for startling revelations. These may leave your head reeling, but you will also benefit from the fresh perspective they bring. (San Francisco Chronicle, 01-03-06)

Marcador pessoal Prótase	[<u>You</u>] Get ready for startling revelations.
Hedge + Marcador pessoal	These <u>may</u> leave <u>your</u> head reeling,
Marcador pessoal + Enfatizador	but <u>you will</u> also benefit from the fresh perspective they bring.

Quadro 4 - Exemplo de análise de interpessoalidade

Nesse caso, o horóscopo traz *hedge* (*may*), amenizando o conteúdo da apódose, enfatizador (*will*), conferindo caráter inevitável ao acontecimento futuro e marcadores pessoais como *you* (como parte de estrutura imperativa e não), aproximando o escritor do leitor.

(c) Finalmente, examinamos o intertexto, que o horóscopo faz evocar, através de ditos populares, crenças enraizadas na cultura popular, frases-feitas etc., e que assim contribui para a criação de um mundo textual, envolvendo o leitor com o seu próprio conhecimento de mundo. É a verdade do leitor trazida para o texto. Veja exemplo (3):

Exemplo (3)

Love is acceptance of yourself as well as others. Receive a compliment graciously. Practice owning your brilliance and abilities. This may be a challenge, but it is one you are up to. (Los Angeles Times, 03-03-06, Áries)

VERDADE INCONTESTÁVEL	Love is acceptance of yourself as well as others.
Prótase	Receive a compliment graciously. Practice owning your brilliance and abilities.
	This may be a challenge, but it is one you are up to.

Quadro 5 - Exemplo de análise de intertexto

Nesse caso, o leitor aceita, resgata a verdade incontestável de que amor é aceitação, tanto própria quanto dos outros, fato que o aproxima do texto e o torna mais propício a agir para realizar o conteúdo da prótase.

3. ANÁLISE

(a) A estrutura genérica/esquemática

Portanto, de início, o horóscopo foi analisado como gênero, quando distinguimos os estágios que o compõem, bem como suas finalidades, conforme Martin (1984).

Horóscopo (1)

You want to campaign-- everyone else does. Don't. Competitors soon become their own worst enemies and you won't have to lift a finger. (San Francisco Chronicle, 02-03-06, Áries)

Verdade	You want to campaign-- everyone else does.
Prótase	<u>Don't.</u>
Apódose	Competitors soon become their own worst enemies and you won't have to lift a finger.

Quadro 6 – A estrutura genérica - horóscopo (1)

Nesse horóscopo a prótase antecede a apódose e a CC é iniciada por um imperativo negativo fazendo, portanto, com que ela seja implícita, pois não é iniciada por 'se'.

Horóscopo (2)

Today is a 7. If you can't figure out what a stubborn person is talking about, get a friend to intervene. Maybe you need a translator. (Chicago Tribune, 08-02-06, Leão)

Contexto	Today is a 7.
Prótase	<u>If</u> you can't figure out what a stubborn person is talking about,
Apódose	get a friend to intervene.
Contexto	Maybe you need a translator.

Quadro 7 – A estrutura genérica - horóscopo (2)

Em (2), a prótase, anteposta, é introduzida pela conjunção explícita 'se'.

Horóscopo (3)

Jupiter's mandate for the year is to build, buy or refurbish your dream house. Saturn sitting solemnly on your sign virtually demands that you prioritize. Currently -- with so much astro-activity in your one-on-one house -- it appears obvious that joint funds are an issue. If a mate is involved, use tact and intuition to calm troubled waters. (San Francisco Chronicle, 29-01-06, Leão)

Contexto	Jupiter's mandate for the year is to build, buy or refurbish your dream house. Saturn sitting solemnly on your sign virtually demands that you prioritize. Currently -- with so much astro-activity in your one-on-one house -- it appears obvious that joint funds are an issue.
Prótase	<u>I</u> f a mate is involved,
Apódose	use tact and intuition to calm troubled waters

Quadro 8 – A estrutura genérica - horóscopo (3)

Também no horóscopo (3) há anteposição de prótase introduzida por 'se'.

Horóscopo (4)

You will do well professionally today if you stick to your own job. Being versatile and having a great capacity for multitasking is fine but that doesn't mean you should take on someone else's work. Do your own job well. 3 stars (New York Daily News, 27-01-06, Gêmeos)

Apódose	You will do well professionally today
Prótase	<u>i</u> f you stick to your own job.
Verdade	Being versatile and having a great capacity for multitasking is fine but that doesn't mean you should take on someone else's work. Do your own job well. 3 stars

Quadro 9 – A estrutura genérica - horóscopo (4)

Em (4), diferentemente dos exemplos anteriores, a apódose antecede a prótase, antecipando ao leitor uma consequência positiva caso o conteúdo da prótase se realize. Nesse caso a CC é introduzida por 'se'.

Horóscopo (5)

At the banquet of life, the food is terrific and the portions are ample. So, when someone tries to fight you for crumbs on the floor, it's best to be big about it and let him win. (Los Angeles Times, 31-01-06, Capricórnio)

Verdade	At the banquet of life, the food is terrific and the portions are ample. So,
Prótase	<u>when</u> someone tries to fight you for crumbs on the floor,
Apódose	it's best to be big about it and let him win.

Quadro 10 – A estrutura genérica - horóscopo (5)

Nesse horóscopo a prótase antecede a apódose e a CC não é explícita. Apesar de a prótase ser introduzida por um conectivo, trata-se de 'quando' e não do canônico 'se'.

Horóscopo (6)

Accomplishment will come easy as long as you are honest about what you can and can't do. Bringing in the help of someone who can take care of the things you can't will show how efficient, complimentary and in control you can be. 3 stars (New York Daily News, 15-02-06, Virgem)

Apódose 1	Accomplishment will come easy
Prótase 1	<u>as long as</u> you are honest about what you can and can't do.
Prótase 2	<u>Bringing</u> in the help of someone who can take care of the things you can't
Apódose 2	will show how efficient, complimentary and in control you can be.
Contexto	3 stars

Quadro 11 – A estrutura genérica - horóscopo (6)

Em (6) aparecem duas CCs, ou seja, duas apódoses e duas prótases. No primeiro caso, a prótase é introduzida por conectivo diferente de 'se', *as long as*, que é equivalente a 'contanto que', ou a 'se', no caso, pois se houver honestidade o conteúdo da apódose poderá realizar-se, e é posposta. Já no segundo, ela é posposta e não é introduzida por 'se', mas por gerúndio.

Horóscopo (7)

Today is an 8. It's becoming easier for you to get your message across. If you need it, however, request assistance from those who do this for a living. (Chicago Tribune, 06-02-06, Leão)

Contexto	Today is an 8. It's becoming easier for you to get your message across.
Prótase	<u>If</u> you need it, however,
Apódose	request assistance from those who do this for a living.

Quadro 12 – A estrutura genérica - horóscopo (7)

No horóscopo (7), mais uma vez, a prótase é anteposta e introduzida por 'se'.

Horóscopo (8)

Neighbors and friends of friends are sources for employment. Be specific about which jobs you are willing to do and which ones you are not willing to do. Otherwise, someone tries to get you to do his dirty work. (Los Angeles Times, 22-02-06, Gêmeos)

Contexto	Neighbors and friends of friends are sources for employment. Be specific about which jobs you are willing to do and which ones you are not willing to do.
Prótase	<u>Otherwise,</u>
Apódose	someone tries to get you to do his dirty work.

Quadro 13 – A estrutura genérica - horóscopo (8)

Nesse caso, a prótase é anteposta e a CC é introduzida pelo conectivo *otherwise*, ‘caso contrário’, ou ‘se não’.

Horóscopo (9)

Relationships have an arc. The start is interesting, exciting and new. Unless the fire is fed with constant fodder, there is a cooling off. This period is appropriate and healthy and can be quite enjoyable if you accept it. (Los Angeles Times, 01-03-06, Touro)

Verdade	Relationships have an arc. The start is interesting, exciting and new.
Prótase 1	<u>Unless</u> the fire is fed with constant fodder,
Apódose 1	there is a cooling off.
Apódose 2	This period is appropriate and healthy and can be quite enjoyable
Prótase 2	<u>if</u> you accept it.

Quadro 14 – A estrutura genérica - horóscopo (9)

Assim como em (6), esse horóscopo também apresenta duas CCs, sendo que a primeira tem prótase anteposta introduzida por *unless* (‘se não’) e a segunda tem prótase posposta iniciada por ‘se’.

Horóscopo (10)

The less risk, the better. Don't let anyone know what your plans are -- today is about taking others by surprise. Brainstorming may result in discovering a gimmick that will be marketable. You are on the right track. 3 stars (New York Daily News, 21-02-06, Escorpião)

Prótase 1	<i>The less risk,</i>
Apódose 1	<i>the better.</i>
Contexto	<i>Don't let anyone know what your plans are -- today is about taking others by surprise.</i>
Prótase 2	<i>Brainstorming</i>
Apódose 2	<i>may result in discovering a gimmick that will be marketable.</i>
Contexto	<i>You are on the right track. 3 stars</i>

Quadro 15 – A estrutura genérica - horóscopo (10)

Mais uma vez, no horóscopo (10) aparecem duas CCs. Nesse caso, a primeira tem prótase anteposta introduzida por uma estrutura comparativa; a segunda, também com prótase anteposta, é introduzida por um gerúndio.

Horóscopo (11)

Be careful how you handle friends and family today. You may give the wrong impression if you are too friendly or not friendly enough. You will walk a fine line so maintain balance and you will probably end up pleasing everyone. 5 stars (New York Daily News, 26-02-06, Libra)

Contexto	<i>Be careful how you handle friends and family today.</i>
Apódose 1	<i>You may give the wrong impression</i>
Prótase 1	<i><u>if</u> you are too friendly or not friendly enough.</i>
Contexto	<i>You will walk a fine line so</i>
Prótase 2	<i><u>maintain</u> balance and</i>
Apódose 2	<i>you will probably end up pleasing everyone.</i>
Contexto	<i>5 stars</i>

Quadro 16 – A estrutura genérica - horóscopo (11)

O décimo-primeiro horóscopo traz duas CCs. A primeira tem prótase posposta, introduzida por 'se' e a segunda, proposta, é introduzida por imperativo.

(b) A função interpessoal

Em seguida, o horóscopo foi analisado quanto à função interpessoal. Seguindo a proposta de Fuertes-Olivera et al. (2001), buscamos identificar os seguintes elementos: *hedge* (talvez, possível, apenas), enfatizador e marcadores pessoais.

Horóscopo (1)

You want to campaign-- everyone else does. Don't. Competitors soon become their own worst enemies and you won't have to lift a finger. (San Francisco Chronicle, 02-03-06, Áries)

Marcador pessoal	<u>You</u> want to campaign-- everyone else does.
Marcador pessoal Prótase	Don't [<u>you</u>].
Enfatizador	Competitors <u>soon</u> become their own worst enemies and you won't have to lift a finger.

Quadro 17 – A função interpessoal – horóscopo (1)

Aqui, *soon* é um enfatizador, enquanto *you* é um marcador pessoal.

Horóscopo (2)

Today is a 7. If you can't figure out what a stubborn person is talking about, get a friend to intervene. Maybe you need a translator. (Chicago Tribune, 08-02-06, Leão)

	Today is a 7.
Marcador pessoal Prótase	If <u>you</u> can't figure out what a stubborn person is talking about,
	get a friend to intervene.
Hedge + Marcador pessoal	<u>Maybe you</u> need a translator.

Quadro 18 – A função interpessoal – horóscopo (2)

Em (2), há a ocorrência de marcador pessoal (*you*) e de *hedge* (*maybe*).

Horóscopo (3)

Jupiter's mandate for the year is to build, buy or refurbish your dream house. Saturn sitting solemnly on your sign virtually demands that you prioritize. Currently -- with so much astro-activity in your one-on-one house -- it appears obvious that joint funds are an issue. If a mate is involved, use tact and intuition to calm troubled waters. (San Francisco Chronicle, 29-01-06, Leão)

Marcadores pessoais	Jupiter's mandate for the year is to build, buy or refurbish <u>your</u> dream house. Saturn sitting solemnly on <u>your</u> sign virtually demands that <u>you</u> prioritize. Currently -- with so much astro-activity in <u>your</u> one-on-one house -- it appears obvious that joint funds are an issue.
Prótase	If a mate is involved,
Marcador pessoal	<u>[you]</u> use tact and intuition to calm troubled waters.

Quadro 19– A função interpessoal – horóscopo (3)

Também no horóscopo (3) há ocorrência de marcadores pessoais, incluindo não somente *you*, mas *you* implícito em imperativo e também *your*.

Horóscopo (4)

You will do well professionally today if you stick to your own job. Being versatile and having a great capacity for multitasking is fine but that doesn't mean you should take on someone else's work. Do your own job well. 3 stars (New York Daily News, 27-01-06, Gêmeos)

Marcador pessoal + Enfatizador	<u>You will</u> do well professionally today
Marcadores pessoais Prótase	if <u>you</u> stick to <u>your</u> own job.
Marcadores pessoais	Being versatile and having a great capacity for multitasking is fine but that doesn't mean <u>you</u> should take on someone else's work. [<u>You</u>] Do <u>your own</u> job well. 3 stars

Quadro 20 – A função interpessoal – horóscopo (4)

Em (4), o marcador pessoal *you* é seguido pelo enfatizador *will* na apódose e reaparece também posteriormente, assim como *your own* e o imperativo.

Horóscopo (5)

At the banquet of life, the food is terrific and the portions are ample. So, when someone tries to fight you for crumbs on the floor, it's best to be big about it and let him win. (Los Angeles Times, 31-01-06, Capricórnio)

	At the banquet of life, the food is terrific and the portions are ample. So,
Marcador pessoal Prótase	when someone tries to fight <u>you</u> for crumbs on the floor,
Enfatizador + Marcador pessoal	<u>it's best</u> [for <u>you</u>] to be big about it and let him win.

Quadro 21– A função interpessoal – horóscopo (5)

Nesse horóscopo encontramos ocorrências do marcador pessoal *you* e de um enfatizador *it's best*.

Horóscopo (6)

Accomplishment will come easy as long as you are honest about what you can and can't do. Bringing in the help of someone who can take care of the things you can't will show how efficient, complimentary and in control you can be. 3 stars (New York Daily News, 15-02-06, Virgem)

Efatizador	Accomplishment <u>will</u> come easy
Marcadores pessoais + Hedge + Prótase 1	as long as <u>you</u> are honest about what <u>you can</u> and <u>can't</u> do.
Hedge + Marcador pessoal + Hedge Prótase 2	Bringing in the help of someone who <u>can</u> take care of the things <u>you can't</u>
Enfatizador + Marcador pessoal + Hedge	<u>will</u> show how efficient, complimentary and in control <u>you can</u> be.
	3 stars

Quadro 22 – A função interpessoal – horóscopo (6)

Em (6) observamos a ocorrência tanto de marcador pessoal (*you*) quanto de *hedge* (*can* e *can't*) e enfatizador (*will*).

Horóscopo (7)

Today is an 8. It's becoming easier for you to get your message across. If you need it, however, request assistance from those who do this for a living. (Chicago Tribune, 06-02-06, Leão)

Marcadores pessoais	Today is an 8. It's becoming easier for <u>you</u> to get <u>your</u> message across.
Marcador pessoal Prótase	If <u>you</u> need it, however,
	request assistance from those who do this for a living.

Quadro 23 – A função interpessoal – horóscopo (7)

No horóscopo (7) verificamos que há os marcadores pessoais *you* e *your*.

Horóscopo (8)

Neighbors and friends of friends are sources for employment. Be specific about which jobs you are willing to do and which ones you are not willing to do. Otherwise, someone tries to get you to do his dirty work. (Los Angeles Times, 22-02-06, Gêmeos)

Marcadores pessoais	Neighbors and friends of friends are sources for employment. [<u>You</u>] Be specific about which jobs <u>you</u> are willing to do and which ones <u>you</u> are not willing to do.
Prótase	Otherwise,
Marcador pessoal	someone tries to get <u>you</u> to do his dirty work.

Quadro 24 – A função interpessoal – horóscopo (8)

Nesse caso encontramos apenas marcadores pessoais: imperativo e *you*.

Horóscopo (9)

Relationships have an arc. The start is interesting, exciting and new. Unless the fire is fed with constant fodder, there is a cooling off. This period is appropriate and healthy and can be quite enjoyable if you accept it. (Los Angeles Times, 01-03-06, Touro)

	Relationships have an arc. The start is interesting, exciting and new.
Prótase 1	Unless the fire is fed with constant fodder,
	there is a cooling off.
Hedge	This period is appropriate and healthy and <u>can</u> be quite enjoyable
Marcador pessoal Prótase 2	if <u>you</u> accept it.

Quadro 25– A função interpessoal – horóscopo (9)

Em (9), os elementos interpessoais presentes são *hedge* (*can*) e marcador pessoal (*you*).

Horóscopo (10)

The less risk, the better. Don't let anyone know what your plans are -- today is about taking others by surprise. Brainstorming may result in discovering a gimmick that will be marketable. You are on the right track. 3 stars (New York Daily News, 21-02-06, Escorpião)

Prótase 1	The less risk,
	the better.
Marcadores pessoais	Don't [<u>you</u>] let anyone know what <u>your</u> plans are -- today is about taking others by surprise.
Prótase 2	Brainstorming
Hedge + Enfatizador	<u>may</u> result in discovering a gimmick that <u>will</u> be marketable.
Marcador pessoal	<u>You</u> are on the right track. 3 stars

Quadro 26 – A função interpessoal – horóscopo (10)

A relação de interpessoalidade no horóscopo (10) se dá por marcadores pessoais (imperativo, *you* e *your*), *hedge* (*may*) e enfatizador (*will*).

Horóscopo (11)

Be careful how you handle friends and family today. You may give the wrong impression if you are too friendly or not friendly enough. You will walk a fine line so maintain balance and you will probably end up pleasing everyone. 5 stars (New York Daily News, 26-02-06, Libra)

Marcadores pessoais	[You] Be careful how <u>you</u> handle friends and family today.
Marcador pessoal + Hedge	<u>You may</u> give the wrong impression
Marcadores pessoais Prótase 1	if <u>you</u> are too friendly or not friendly enough.
Marcadores pessoais + Enfatizador	<u>You will</u> walk a fine line so
Marcadores pessoais Prótase 2	[<u>you</u>] maintain balance and
Marcadores pessoais + Enfatizador	<u>you will</u> probably end up pleasing everyone.
	5 stars

Quadro 27– A função interpessoal – horóscopo (11)

No horóscopo (11) há marcadores pessoais (imperativo e *you*), enfatizador (*will*) e *hedge* (*may*).

(c) O intertexto

Finalmente, cada horóscopo foi analisado com o intuito de descobrir como se dá a relação intertextual. Em geral, há uma ‘verdade’ que o leitor conhece e traz para o texto do horóscopo – no processo chamado de intertexto – fato que aumenta as probabilidades de ele aceitar o prognóstico contido na mensagem.

Nesta parte, não manteremos sempre os mesmos exemplos analisados em (a) e (b) por acreditarmos que os horóscopos evocam o intertexto por meio de uma vasta gama de elementos que contribuem pra a criação do mundo textual de cada um de seus leitores. Assim, os horóscopos já analisados terão seus números mantidos e, os apresentados pela primeira vez, serão numerados a partir do Horóscopo (12), inclusive.

Horóscopo (3)

Jupiter's mandate for the year is to build, buy or refurbish your dream house. Saturn sitting solemnly on your sign virtually demands that you prioritize. Currently -- with so much astro-activity in your one-on-one house -- it appears obvious that joint funds are an issue. If a mate is involved, use tact and intuition to calm troubled waters. (San Francisco Chronicle, 29-01-06, Leão)

REFERÊNCIA AOS ASTROS + REFERÊNCIA A ASTROLOGIA	<u>Jupiter's</u> mandate for the year is to build, buy or refurbish your dream house. <u>Saturn</u> sitting solemnly on your sign virtually demands that you prioritize. Currently -- with so much <u>astro-activity</u> in your <u>one-on-one house</u> -- it appears obvious that joint funds are an issue.
Prótase	If a mate is involved,
	use tact and intuition to calm troubled waters.

Quadro 28 – O intertexto - horóscopo (3)

Esse horóscopo estabelece o intertexto por meio da utilização de referência aos astros (Júpiter e Saturno) e a astrologia, ao referir-se a atividade astral e a casa astral. Ao aproximar o leitor dos astros, tais referências conferem um certo grau de cientificidade ao texto, tornando-o mais crível para o leitor que se interessa por ou acredita em astrologia.

Horóscopo (5)

At the banquet of life, the food is terrific and the portions are ample. So, when someone tries to fight you for crumbs on the floor, it's best to be big about it and let him win. (Los Angeles Times, 31-01-06, Capricórnio)

METÁFORA	At the <u>banquet of life</u> , the food is terrific and the portions are ample. (So,)
METÁFORA Prótase	when someone tries to fight you for <u>crumbs</u> on the floor,
	it's best to be big about it and let him win.

Quadro 29 – O intertexto - horóscopo (5)

Em (5), a metáfora ‘banquete’ utilizada para referir-se a vida evoca o intertexto de que a vida é abundante, o que é reforçado pela boa comida e fartura. Assim, o leitor privilegia o que importa na vida e não se desgasta por bobagens, o que se depreende das ‘migalhas’ no chão.

Horóscopo (9)

Relationships have an arc. The start is interesting, exciting and new. Unless the fire is fed with constant fodder, there is a cooling off. This period is appropriate and healthy and can be quite enjoyable if you accept it. (Los Angeles Times, 01-03-06, Touro)

VERDADE INCONTESTÁVEL	Relationships have an arc. The start is interesting, exciting and new.
Prótase 1	Unless the fire is fed with constant fodder,
	there is a cooling off.
	This period is appropriate and healthy and can be quite enjoyable
Prótase 2	<u>if you</u> accept it.

Quadro 30 – O intertexto - horóscopo (9)

No horóscopo (9), a verdade incontestável de que os relacionamentos são moldados como um arco faz com que o leitor recorra a sua própria experiência sobre o assunto, envolvendo-o no texto.

Horóscopo (12)

The Moon/Pluto conjunction shows a sacrifice carries a steep price. Remember: it's grueling ordeals that deliver the most lasting rewards. (San Francisco Chronicle, 22-02-06, Escorpião)

REFERÊNCIA AOS ASTROS	The <u>Moon/Pluto</u> conjunction shows a sacrifice carries a steep price.
	Remember: it's grueling ordeals that deliver the most lasting rewards.

Quadro 31 – O intertexto - horóscopo (12)

No horóscopo (12) a relação intertextual é estabelecida por meio de uma referência aos astros, aproximando o escritor da ciência e, portanto, tornando seus dizeres mais confiáveis.

Horóscopo (13)

The planets help you take your natural optimism to the next level of total commitment to the impossible. On a practical note, do you know where your important documents are? This is a good time to organize. (Los Angeles Times, 12-02-06, Aquário)

REFERÊNCIA AOS ASTROS	The <u>planets</u> help you take your natural optimism to the next level of total commitment to the impossible.
	On a practical note, do you know where your important documents are? This is a good time to organize.

Quadro 32 – O intertexto - horóscopo (13)

Assim como em (3) e (12), também em (13) o intertexto é estabelecido por referência aos astros, evocando o mesmo tipo de intertexto.

Horóscopo (14)

Time is irrelevant to the heart. You may want to revisit a dream you thought was impossible. New pathways are opening, and it is up to you to travel them. (Los Angeles Times, 06-02-06, Capricórnio)

VERDADE INCONTESTÁVEL	Time is irrelevant to the heart.
	You may want to revisit a dream you thought was impossible.
	New pathways are opening, and it is up to you to travel them.

Quadro 33 – O intertexto - horóscopo (14)

Nesse horóscopo, assim como em (9), a intertextualidade é trazida por uma verdade incontestável.

Horóscopo (15)

Cupid is like St. Nick -- after age 10, it takes more imagination to keep it real. You experience something Tuesday or Wednesday that defies your current beliefs. Go with it. Loved ones present you with wonderful gifts this weekend, but they are not the kinds of gifts that are wrapped up in paper and bows. (Los Angeles Times, 26-02-06, Áries)

CRENÇA POPULAR – MITOLOGIA - RELIGIOSIDADE	<u>Cupid</u> is like <u>St. Nick</u> -- after age 10, it takes more imagination to keep it real.
	You experience something Tuesday or Wednesday that defies your current beliefs. Go with it. Loved ones present you with wonderful gifts this weekend, but they are not the kinds of gifts that are wrapped up in paper and bows.

Quadro 34 – O intertexto - horóscopo (15)

Nesse horóscopo, a referência feita a Cupido e a um Santo possibilita a intertextualidade.

Horóscopo (16)

All bets are off as long as Uranus is strong (4 weeks). But the Wheel of Fortune Planet works in capricious ways. You could come out ahead. (San Francisco Chronicle, 01-03-06, Áries)

	All bets are off
REFERÊNCIA AOS ASTROS	as long as <u>Uranus</u> is strong (4 weeks).
CULTURA POPULAR	But the <u>Wheel of Fortune</u> Planet works in capricious ways.
	You could come out ahead.

Quadro 35 – O intertexto - horóscopo (16)

Os elementos intertextuais do horóscopo (16) são sua referência aos astros (Urano) e ao popular jogo ‘Roda da Fortuna’.

Horóscopo (17)

You have your differences, but what it comes down to in the end is: money talks. Who would think that capitalism would promote tolerance? (San Francisco Chronicle, 02-02-06, Touro)

DITO POPULAR - PROVÉRBIO	You have your differences, but what it comes down to in the end is: <u>money talks</u> .
	Who would think that capitalism would promote tolerance?

Quadro 36 – O intertexto - horóscopo (17)

O dito popular presente em (17) é o elemento responsável pela intertextualidade.

Horóscopo (18)

Approval is a double-edged sword. You crave it, but resent feeling so needy. None of this really matters. Ask and you shall receive. (San Francisco Chronicle, 06-06-06, Capricórnio)

EXPRESSÃO – FRASE-FEITA	Approval is <u>a double-edged sword</u> . You crave it, but resent feeling so needy. None of this really matters.
	Ask and
	you shall receive.

Quadro 37 – O intertexto - horóscopo (18)

Em (18) a expressão ‘faca de dois gumes’ ativa intertextualidade, preparando o leitor para algo que considere bom e para algo que considere ruim.

Horóscopo (19)

Mix business with pleasure if at all possible. Romance is in the stars but avoid people who are already involved with someone else. Travel arrangements will be disrupted or not go according to plan. 3 stars (New York Daily News, 05-03-06, Câncer)

DITO POPULAR	<u>Mix business with pleasure</u>
Prótase	if at all possible.
REFERÊNCIA AOS ASTROS	Romance is in the <u>stars</u> but avoid people who are already involved with someone else. Travel arrangements will be disrupted or not go according to plan. 3 stars

Quadro 38 – O intertexto - horóscopo (19)

O horóscopo (19) usa um dito popular às avessas como elemento intertextual ao sugerir que negócios e prazer sejam misturados, além de referir-se às estrelas ao dizer que elas antevêm romance.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise de 2544 textos de horóscopos - 48 por dia, durante 53 dias – encontrou o significativo número de 943 estruturas condicionais.

Nº. De horóscopos	Ocorrência de condição
2544	943

Tabela 1 – Nº. de horóscopos e ocorrência de condição

Predominaram as prótases antepostas (71,15% das ocorrências), funcionando como tema, conforme mostram Tabela 2 e Figura 1:

Prótases	
Antepostas	Pospostas
71,15%	28,85%

Tabela 2 – Prótases antepostas e pospostas

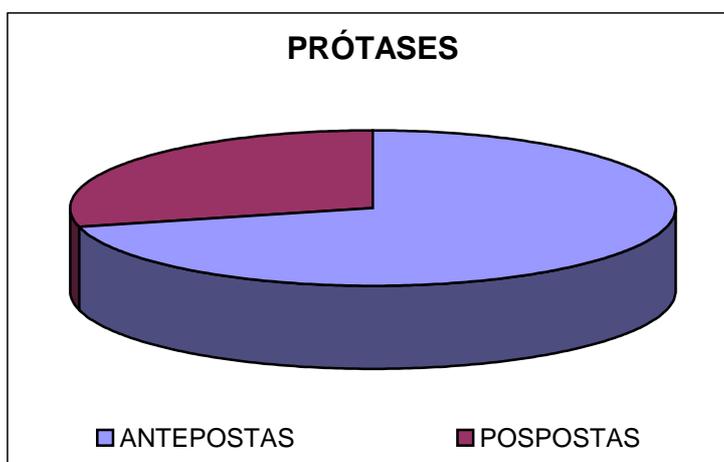


Figura 1 - Prótases antepostas e pospostas

Nossos dados revelam que a condição expressa com o conectivo 'se' responde por apenas 30,75% das ocorrências, enquanto a condição expressa de maneira implícita responde pela maioria das ocorrências, 69,25%.

Condicionais	
Com o conectivo 'se'	Sem o conectivo
30,75 %	69,25%

Tabela 3 – Condicionais com e sem o conectivo 'se'

Veja a figura abaixo:

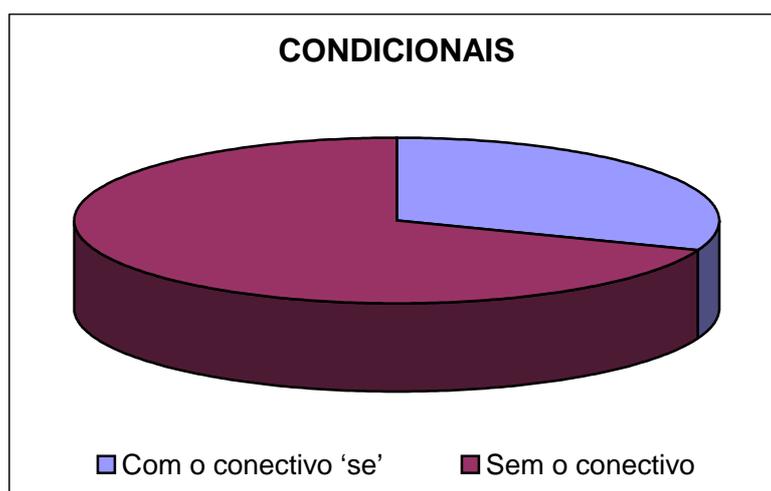


Figura 2 - Condicionais com e sem o conectivo 'se'

Observa-se, então, que as prótases são introduzidas de maneiras diversas: *if, when, once, by + gerúndio, comparativo, imperativo, gerúndio e infinitivo*, para citar os de maior ocorrência. Veja como as prótases antepostas são iniciadas na Figura 3:

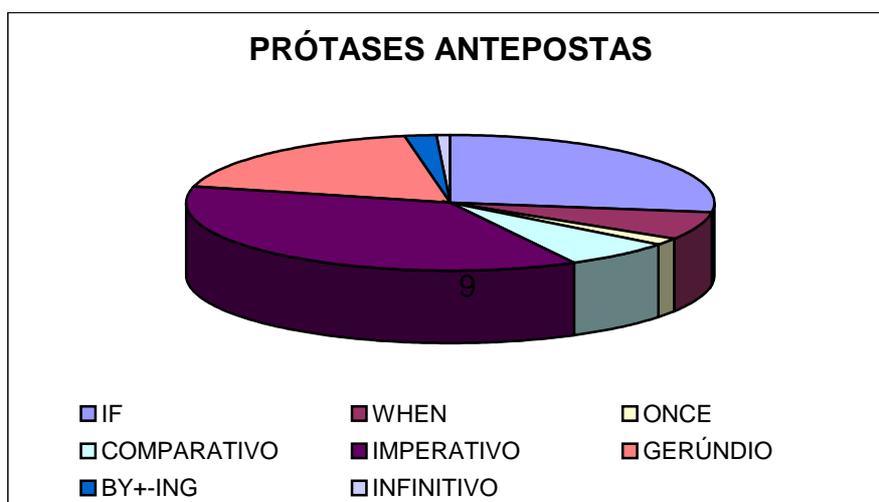


Figura 3 – Prótases antepostas com e sem 'se'

A seguir, a Figura 4 mostra como são introduzidas as prótases pospostas:

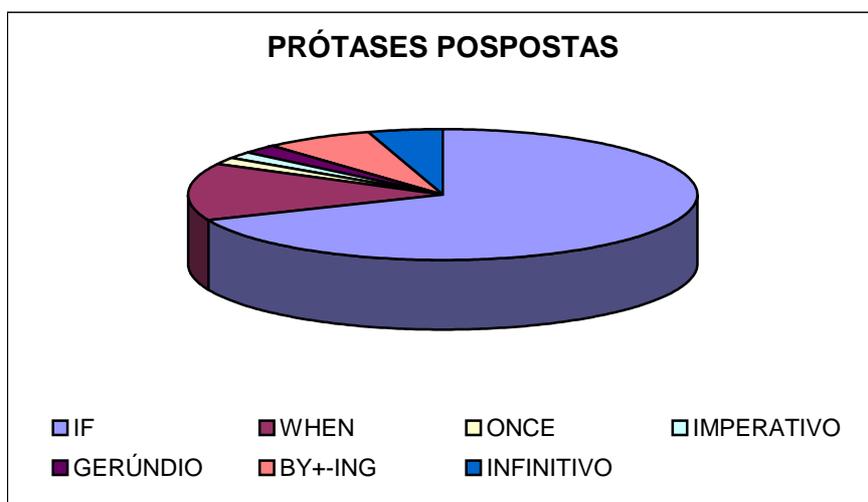


Figura 4 - Prótases pospostas com e sem 'se'

A análise das ocorrências das estruturas condicionais culminou na seguinte tabela, mas faz-se necessário apontar que dela só constam as ocorrências de maior expressividade, embora todos os achados tenham sido computados para a obtenção das porcentagens:

	PRÓTASES ANTEPOSTAS	71,15%	PRÓTASES ANTEPOSTAS	28,85%
IF	131	19,52%	159	58,45%
WHEN	32	4,76%	33	12,13%
ONCE	8	1,19%	4	1,47%
COMPARATIVO	31	4,61%	-	-
IMPERATIVO	176	26,22%	4	1,47%
GERÚNDIO	88	13,11%	5	1,83%
BY+-ING	10	1,49%	16	5,88%
INFINITIVO	4	0,59%	11	4,04%

Tabela 4 – Prótases com e sem 'se' nas CCs

Graficamente, a Tabela 4 pode ser representada assim:

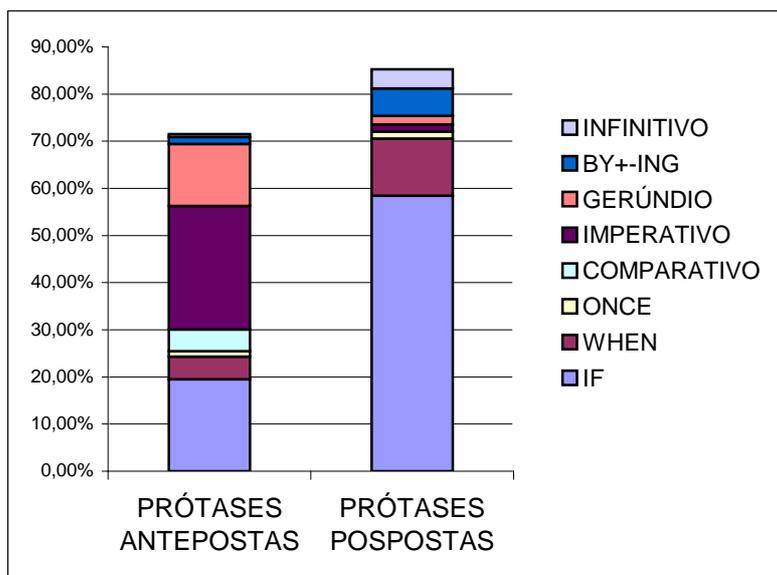


Figura 5 – Prótases com e sem ‘se’ nas CCs

Os horóscopos analisados apresentam as CCs como estágios obrigatórios na estrutura genérica dos horóscopos analisados, ainda que a condicionalidade não seja explícita, ou que o intertexto seja necessário para que tal relação seja estabelecida.

Dentre os elementos intertextuais utilizados pelos escritores de horóscopos, constatamos: ditos populares/ provérbios, referências a cultura popular, expressões/ frases-feitas, referências aos astros, mitologia/ religiosidade, elementos arraigados na crença popular e elementos de ‘verdade incontestável’, que aproximam o leitor do texto.

4.1. Discussão dos resultados

Os resultados apresentados na análise nos permitem concluir o seguinte:

4.1.1. Significativa ocorrência de estruturas condicionais

A razão dessa grande ocorrência de condicionalidade poderia ser explicada da seguinte forma. No texto do horóscopo, há uma parte que é o prognóstico do

astrólogo e outra parte em que ele se resguarda do risco de esse prognóstico não se realizar. Ao resguardar-se, o autor convida o leitor a confiar nele ao mesmo tempo, o que também contribui para o caráter persuasivo do horóscopo. Em termos lingüísticos, isso significa que a parte do prognóstico se realiza através da oração principal (apódose), e a outra parte (prótase) se realiza através da oração condicional.

4.1.1.1. Prótase e apódose

A apódose, ou oração principal, traz os prognósticos, ou seja, estabelece as previsões, indica o que acontecerá ou não, enquanto a prótase, ou oração subordinada, restringe seu conteúdo através da velada inclusão de condições necessárias para que os prognósticos se realizem. Durante a pesquisa, constatamos o predomínio das condicionais que têm prótase anteposta (71,15%), fazendo com que seja possível dizer que há preferência pela tematização das prótases. Ao colocar as prótases como Temas das orações, os advérbios que as introduzem restringem as orações principais, Remas, e, conseqüentemente, restringem também as possibilidades de que as previsões se realizem, colocando sobre o leitor a responsabilidade pelo seu sucesso e, portanto, possibilitando aos escritores esquivar-se da responsabilidade por eventuais falhas que seus prognósticos apresentem.

Decat (1995) sugere que uma outra explicação para a anteposição das prótases, pode fundamentar-se no fato de essa relação constituir “um tipo de canonicidade semântica”, vindo a “premissa antes da conclusão” (Kato, 1986 e Kato, Tarallo et al., 1993 apud Decat, 1995).

Ao mesmo tempo em que o posicionamento das condicionais como Temas enfatiza a necessidade de que a condição se cumpra, há a interferência do que se denomina ‘inferência convidada’, ou seja, há a interferência da intertextualidade no momento da interpretação do horóscopo pelos leitores e, dependendo do conhecimento de cada um, uma condição necessária pode ser interpretada como essencial para a concretização da previsão, e seu não-cumprimento pode ser interpretado como

indicativo da não-concretização da previsão. Para Geis (1971), as pessoas transformam as condicionais em bicondicionais e criam as 'inferências convidadas', conforme já esclarecido na fundamentação teórica. Ou seja, as interpretações dos horóscopos variam de acordo com seus leitores, já que trazem consigo uma carga distinta de informações, um diferente intertexto.

Devido a isso, os escritores aproveitam-se da intertextualidade como recurso discursivo, pois sempre há a possibilidade de mais de uma interpretação, caso uma delas falhe e, dessa maneira, sendo cautelosos, eles evitam o erro.

Assim, podemos pressupor que as inferências feitas pelos leitores ao lerem seus horóscopos estão relacionadas com os Temas, que constroem espaços mentais por eles organizados em sua mente, fazendo, neste caso, com que o leitor interprete o texto de acordo com os limites por eles impostos. Ou seja, já têm uma idéia do que esperar quando se deparam com um texto de horóscopo e, por esse motivo, organizam em sua mente um espaço propício para a aceitação de previsões, sugestões, etc.

A tal fato, junta-se a noção de enquadres proposta por Bednarek (2005), responsável pela coerência do texto por parte dos leitores e ouvintes. A teoria focaliza a relação entre texto, contexto, conhecimento de mundo e coerência e, portanto, ao ler um horóscopo, o leitor interage com o texto e dá a ele o significado mais coerente de acordo com seu conhecimento de mundo. Entretanto, como há limitação temática e o conhecimento do gênero horóscopo por parte do leitor, a condicionalidade não é percebida como persuasiva.

4.1.1.2. Significativa ocorrência de estruturas condicionais sem 'se'

Como anteriormente apontado, a significativa ocorrência de CCs chama atenção por ser uma das estruturas utilizadas como instrumento de persuasão em horóscopos. Entretanto, além disso, nossa pesquisa achou uma variedade na maneira como tais CCs aparecem.

A Tabela 4, originada da análise das ocorrências de CCs, apresentada anteriormente, também nos fornece elementos que colaboram para persuadir os leitores de horóscopos. Ela mostra as ocorrências mais freqüentes de introdução de prótases, encontramos informações valiosas. Vamos nos ater, primeiramente, aos números relativos às prótases pospostas, visto que as antepostas foram contempladas no item anterior ao falarmos sobre sua tematização.

Podemos notar que o conectivo 'se' aparece em mais da metade (58,45%) das prótases pospostas, diferentemente do que acontece nas antepostas, em que não chega a 20% das ocorrências. Tal discrepância pode ser explicada pelo fato de que, como não iniciadas pela prótase, as condições para que as previsões se realizem devem ser deixadas bastante claras pelo escritor, para que ele se proteja de eventuais erros. Assim, nada mais seguro e eficiente do que usar o canônico conectivo de CCs. Outro dado curioso e relevante para este trabalho é a discrepância entre os números de prótases introduzidas por gerúndios: mais de 13% nas antepostas contra menos de 2% nas pospostas, mostrando que embora as estruturas apareçam em ambos os casos, a baixa porcentagem nas prótases pospostas pode indicar que a forma em questão cumpre melhor sua função quando anteposta, o oposto ocorrendo com as formas *by* + gerúndio e infinitivo, que aparecem em maior número quando iniciando prótases pospostas.

Assim, de maneira velada, implícita, os horóscopos trazem construções condicionais, que pelo fato de nem sempre serem explícitas, funcionam como instrumentos para a persuasão dos leitores, que não percebem que elas estão ali.

4.1.2. Intertextualidade

Além da persuasão exercida pela condicionalidade, os exemplos analisados também nos remetem à questão do intertexto. Retomando Voloshinov (1981), toda comunicação verbal é dialógica. Portanto, pode-se dizer que o intertexto é a bagagem trazida pelo leitor ao ler o texto. Esta bagagem compõe-se do conhecimento de mundo do leitor, que conhecedor de textos do gênero horóscopo, mesmo que de modo inconsciente, sabe o que poderá encontrar ao ler suas

previsões, e até possui expectativas em relação ao que será lido. Ainda que inconscientemente, sabe que este gênero poderá proporcionar-lhe sugestões, dicas, conselhos, e espera que, de alguma forma, tais palavras possam auxiliá-los, consolá-los, animá-los, motivá-los para mais um dia. Sabem, também, que para obterem uma melhor situação, devem seguir o que seus horóscopos propuserem e, desta forma, a partir do momento em que começam a ler seus horóscopos, já sabem que terão que fazer alguma coisa, que nada acontecerá sem que façam sua parte. Devido a essa relação existente entre o leitor e o texto, o intertexto, a leitura condicional de textos não claramente condicionais é efetivada e, portanto, age na mente dos leitores impelindo-os a agir.

É importante salientarmos, uma vez mais, que os leitores são levados a interpretar os horóscopos como estruturas que os condicionam a tomar atitudes pois conhecem o gênero e, portanto, fazem a leitura conforme o enquadre do gênero horóscopo, como já explicado, segundo Bednarek (2005) e, daí, fazem suas inferências, como explica Geis (1971).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou examinar como se dá a persuasão nos textos do gênero horóscopo a fim de que o texto não só convença o leitor, mas também proteja seu escritor para que este não seja responsabilizado por eventuais falhas de suas previsões.

A análise de 2544 textos de horóscopos apontou 37,06% de ocorrência de CCs, de vários tipos, dos quais 30,75% têm prótase introduzida pelo conectivo 'se' (*if*), explícito, e 69,25% são iniciados de alguma outra forma. Tal constatação sugere que os autores preferem não condicionar abertamente seus prognósticos, atitude condizente com sua preocupação em não errar ao fazê-los.

Dentre os que apresentam CCs, 71,15% têm prótase anteposta, ou seja, apresentam condicionais como Temas, mostrando que os escritores acautelam-se antes de fazer seus prognósticos, responsabilizando o leitor pela realização ou não de suas previsões, visto que as prótases como Temas restringem os conteúdos das apódoses.

Além da tematização das CCs, a pesquisa apontou que há a interferência de 'inferências convidadas', ou seja, a interpretação que o leitor dá ao texto, com base em seu conhecimento – intertexto -, pode fazer com que uma condição necessária seja interpretada como essencial para a concretização da previsão e seu não-cumprimento seja interpretado como indicativo da não-concretização da previsão. De tal forma, o autor dos horóscopos fica protegido de eventuais erros.

Outro fator que auxilia o escritor na tarefa de persuadir o leitor, além do intertexto, é a interpessoalidade, presente em 100% dos textos, que traz elementos como *hedge*, enfatizador e marcador pessoal, com as respectivas funções de tornar o ponto de vista do escritor aceitável e negociar significado, reforçar a inevitabilidade de acontecimentos futuros, e dirigir o texto pessoalmente a cada um de seus leitores.

Assim, podemos ver que o leitor do horóscopo fica a mercê desse gênero por vários motivos, além, é claro, das razões presentes em sua vida que o fazem procurar esse

tipo de apoio.

O horóscopo, como um enquadre, condiciona-o a aceitar a mensagem nele contida sem um exame detido de seu conteúdo. Por outro lado, esse conteúdo está expresso através de estruturas – as CCs - que compõem os estágios desse gênero, que o condicionam por meio de conectivos dissimulados e por meio da prótase antecipada à apódose. Dessa forma, acreditamos que o horóscopo está arquitetado tanto em termos formais, quanto em termos de conteúdo, para proteger o seu autor e para envolver um leitor desprevenido e, em geral, emocionalmente frágil. É interessante notar que a noção de enquadre (*frame*) age dialeticamente: o texto faz sentido porque é um horóscopo, e leva o leitor a acreditar nele; ao mesmo tempo, o leitor acredita no texto porque está diante de um horóscopo e assim é levado a agir.

O trabalho constatou que, de fato, os textos do gênero horóscopo freqüentemente trazem um tipo de condição e de conseqüência, embora não haja estágios fixos, reforçando a tese de que um gênero não é formado por etapas pré-fixadas e, portanto, privilegiando o papel do leitor-no-texto.

Pretendemos ter conseguido demonstrar que as condicionais são uma das formas lingüísticas de persuasão e que elas também funcionam como forma de argumentação em textos, fato importante, pois a persuasão facilita a argumentação. Como é do conhecimento da comunidade científica e de educadores em geral, a língua é um instrumento de poder e proporciona “sofisticação” ao discurso. Assim, a argumentação e a persuasão trazem poder àqueles que as dominam. A comunicação de eventos e idéias, portanto, não se dá de forma neutra, visto que há valores sociais que criam uma perspectiva potencial em relação a eles. Assim, a língua toma a forma relacionada às necessidades sociais e pessoais para as quais ela serve, no nosso caso, à persuasão.

Utilizando-se de estruturas condicionais o autor resguarda-se e, ao mesmo tempo, convida o leitor a confiar nele, o que funciona como outro instrumento de persuasão. Entretanto, a contextualização e a confiança no autor/falante não são instrumentos persuasivos exclusivos de textos de horóscopos, ao contrário, são instrumentos encontrados em vários outros gêneros discursivos, tais como os discursos políticos,

os discursos de professores, de gerentes e de presidentes de empresas, enfim, são características discursivas de todos aqueles grupos que precisam que outros os atendam e/ ou neles confiem, em diferentes níveis.

O ensino de línguas é uma área que este trabalho também pretende tocar, principalmente em relação a sua abordagem sistêmico-funcional. Quando estudam determinada língua, os alunos aprendem sua forma, suas estruturas, mas não são ensinados a quais funções tais formas podem servir. No nosso caso, especificamente, os alunos aprendem as formas dos diversos tipos de condicionais em inglês, mas não são, ou são raramente, expostos ao uso das condicionais em seu cotidiano como estruturas lingüísticas que os ajudem a exercer as mais variadas funções. Nunca é dito, por exemplo, que as condicionais são estruturas que podem ser usadas com função persuasiva e que podem ser de grande utilidade em textos argumentativos, por exemplo, os quais devem saber escrever a fim de defender seus pontos de vista. Não se pode esquecer, também, que o domínio lingüístico é uma forma de poder e que é um discurso persuasivo o responsável pela manutenção ou pela perda de poder em vários momentos do nosso cotidiano. Esperamos, além disso, que cientes de que a língua exerce importantes funções em seu cotidiano, os alunos sintam-se mais motivados a aprendê-las, estudá-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, W. S. *Living English structure - practice book for foreign students*. London: Longmans, 1959[1965].

ARROYO, M. A. S. *Astrologia, psicologia e os quatro elementos*. São Paulo: Pensamento. (trad. Maio Miranda), 1975.

AUWERA, J. Van der. Pragmatics in the last quarter century: The case of conditional perfection. *Journal of Pragmatics*. vol. 27, n.3, p. 261-274, 1997.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1935[1981].

_____. The problem of speech genres. In: EMERSON, C.; HOLQUIS, M. (Eds.), *Speech genres and other late essays*. 60-102. Austin, TX: University of Texas Press, 1953[1986].

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 15 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

BARBAULT, A. *Da psicanálise à astrologia*. Porto Alegre: Kuarup, 1993. (Série Zodíaco)

BEDNAREK, M. A. Frames revisited - the coherence-inducing function of frames. *Journal of Pragmatics*, vol. 37, n. 5, p. 685-706, 2005.

BERRY, M. *Introduction to systemic Linguistics*. Londres: Batsford, 1975.

COFFIN, C.; O'HALLORAN, K. The role of appraisal and corpora in detecting covert evaluation. *Functions of Language*, vol.13, n. 1, p. 77-110, 2006.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E.. Conditionals, distancing and alternative spaces. In: GOLDBERG, A. E. (Ed.). *Conceptual structure, discourse & language*. Stanford: CSLI Publ. Center for the Study of Language & Information, 1996.

DECAT, M. B. N. Relações adverbiais e gêneros do discurso. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, vol. 28, p. 19-36, 1995.

DOWNING, L. H. Text world creation in advertising discourse. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación - Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, vol. 13, p. 67-88, Fev. de 2003.

EGGINS, S. *An Introduction to systemic functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001 [1992].

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985].

FONSECA, J. As comparativas condicionais independentes em português. *Círculo de Lingüística Aplicada à Comunicação*, vol. 17, Fevereiro de 2004. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/circulo/no17/fonseca.htm>>. Acesso em: jan. 2006.

FOWLER, R. *Language in the news: discourse and Ideology in the Press*. Rutledge, 1991.

FREUD, S. *O Futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FUERTES-OLIVERA, P. A. et al. Persuasion and advertising English: metadiscourse in slogans and headlines. *Journal of Pragmatics*, vol. 33, p. 191-1307, 2001.

GEIS, M. L. On invited inferences. *Linguistics Inquiry*, vol.2, n. 4. 1971.

GRANDE DICIONÁRIO LAROUSSE Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Eds). *Syntax and semantics 3: Speech Acts*. NY: Academic Press, p. 41-58, 1975.

GRIVEL, C. *Production de l'intérêt romanesque*. Paris/La Haye: Mouton, 1973.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. *Language*, vol. 54, n. 3, p. 564-589, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Arnold, 1994 [1985].

HALLIDAY M. A. K. ; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

_____. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1985 [1989].

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.) *Evaluation in Text*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

IKEDA, S. N. Estabelecendo a condição em reunião de negócios. Comunicação. VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

_____. A oração condicional: Ocorrência e funções na escrita. *Revista da ANPOLL*, vol. 13, p. 217-234, 2002.

JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, v. 2, (Tradução de Araceli Elman e Edgar Orth), 1998.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, (Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva), 2000.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: how metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics*, vol. 28, p. 557-590, 1996.

KRISTEVA, J. *Semeiotike: recherche pour une sémanalyse*. Paris: Coleção Points-Essai, Éditions du Seuil, 1969.

LECHLER, A. *Interpretation of Conditionals in the Suppression Task*. 2004. Master of Science, Artificial Intelligence, School of Informatics. Edinburgh: University of Edinburgh. Em: <<http://www.inf.ed.ac.uk/publications/thesis/online/IM040194.pdf>> Acesso em: jan. 2006.

LEMKE, J. L. Discourses in conflict: heteroglossia and text semantics. In: BENSON, J.; GREAVES, W. *Systemic functional approaches to discourse: selected papers from the twelfth international systemic workshop*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation, 1988.

_____. Resources for attitudinal meaning: evaluative orientation in text semantics. *Functions of Language*, vol. 5, n.1, p. 33-56, 1998.

_____. Semantics and social values. In: BENSON, J.D. et al. (Eds.). *Systems, structures and discourse: selected papers from the fifteenth international systemic congress*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation, p. 37-50, [Reprinted in *Word* 40: 1-2], 1989.

LIBÂNIO, J. B. *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, vol. 34, 2004.(Passo-a-passo)

MACKEN-HORARIK, M. Appraisal and the special instructiveness of narrative. *Text*, vol. 23, n.2, p. 285-312, 2003.

MARTIN, J. R. 'Language, register and genre'. In: *Children writing: reader*. University Production Unit, Deakin University, 1984.

_____. *Factual Writing: Exploring and challenging social reality*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____. *Context: register, genre and ideology. English text – systems and structure*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. Introduction. *Text*. vol, 23 n. 2, p. 171-181, 2003.

MUNTIGL, P. Policy, politics, and social control: A systemic functional linguistic analysis of EU employment policy. *Text*, vol. 22, n. 3, p. 393-442, 2002.

NEVES, M. H. de M.; BRAGA, M. L. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. Edição especial. São Paulo: *DELTA*, vol. 14, 1998.

ROTHERY, R. *Exploring literacy in school English*. Sydney: NSW Department of School Education, 1994.

SPENGLER, O. A filosofia de Spengler. In: DURANT, W. *Os Grandes Pensadores*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SWEETSER, E. From etymology to pragmatics Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, G; THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. *Text*, vol. 15, n. 1, p. 103-127, 1995.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language typology and syntactic description (II)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: COSTE, D. et al. *O texto – leitura e escrita*. São Paulo: Pontes, 1988.

VOLOSHINOV, V. N. *Le principe dialogique - suivit de écrits du circle de Bakhtine*. Paris: Éditions du Seuil, p. 67-93, 1981.

WÄSTERFORS, D.; HOLSANOVA, J. Examples as crucial arguments in discourse 'others'. *Text*, vol. 25, n. 4, p. 519-554, 2005.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of the intersubjective stance. *Text*, vol. 23, n.2, p. 259-284, 2003.

Referências online:

<http://www.accessabc.com/reader/top150.htm> Acesso em: mar. 2005

<http://astro.if.ufrgs.br/antiga/antiga.htm> Acesso em: abr. 2005

<http://www.chicagotribune.com/features/horoscopes/> Acesso entre: nov. 2005 e mar. 2006

<http://www.latimes.com/features/horoscopes/?track=mainnav-horoscope> Acesso entre: nov. 2005 e mar. 2006

http://www.nydailynews.com/city_life/advice/last/ Acesso entre: nov. 2005 e mar. 2006

<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/numinoso.htm> Acesso em mar. 2007

<http://www.secrel.com.br/jpoesia/ag4spengler.html> Acesso em: jan. 2006

<http://www.sfgate.com/eguide/horoscope/> Acesso entre: nov. 2005 e mar. 2006